

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GIOVANNA DEVIETRO PEREIRA

CONSTRUÇÃO DE MORADIAS EMERGENCIAIS EM FAVELAS E SEUS IMPACTOS NO
SUJEITO QUE HABITA O LOCAL: UM OLHAR PSICANALÍTICO

SÃO PAULO
2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GIOVANNA DEVIETRO PEREIRA

CONSTRUÇÃO DE MORADIAS EMERGENCIAIS EM FAVELAS E SEUS IMPACTOS NO
SUJEITO QUE HABITA O LOCAL: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como
exigência parcial para graduação no curso de Psicologia
sob orientação do Prof. Sergio Wajman.

SÃO PAULO
2019

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Enoch Emygdio Pereira Neto, por todo o incentivo e investimento na minha formação, por estar sempre me apoiando e confiando nas minhas escolhas.

À minha mãe, Adriana Cristina Devietro Pereira, por me aguentar e me acolher nos momentos mais difíceis.

À minha irmã, Amanda Devietro Pereira, por ser minha grande inspiração e minha alegria, por todos os momentos leves e de risadas no dia-a-dia.

Ao Paulo Eduardo Junqueira Lopes, por todo o amor e carinho, por estar sempre ao meu lado e por acreditar tanto em mim. Obrigada por toda força, compreensão e por me ajudar tanto com todas as trocas de ideia.

Ao Leonardo Souza dos Santos, por ser minha inspiração acadêmica e um grande amigo.

Ao Prof. Sergio Wajman, por ter me orientado ao longo deste processo. Obrigada por me possibilitar realizar este trabalho, por todo o auxílio, pelas conversas e sugestões que enriqueceram minha formação.

Ao Prof. Hemir Barição, por ter aceitado com tanto carinho ser o parecerista deste trabalho.

Ao Prof. Jorge Broide, por ter me apresentado a psicanálise nas situações sociais críticas e por ter me auxiliado a chegar neste problema de pesquisa.

Ao TETO, por toda a colaboração, por me permitir realizar este trabalho e por todos os anos de experiências vividas junto à ONG.

A todos meus amigos e familiares que estiveram presentes neste percurso da psicologia. Em especial à Karolina Souza, por ter sido tão companheira nos momentos de desespero e em todas as risadas vividas ao longo do curso. E à Anna Beatriz Panfili, por ter me aguentado e respondido minhas dúvidas sempre com tanto apreço.

Área do conhecimento (CNPq): 7.07.00.00-1 - Psicologia

Título: “Construção de moradias emergenciais em favelas e seus impactos no sujeito que habita o local: um olhar psicanalítico”

Orientanda: Giovanna Devietro Pereira

Orientador: Prof. Sergio Wajman

RESUMO

Este trabalho se propôs a analisar quais os impactos da construção de moradias emergenciais no sujeito que habita uma favela no Estado de São Paulo, por meio de um estudo de caso a partir da psicanálise. Sendo assim, foi necessário compreender o processo de favelização no Brasil, as políticas públicas de moradia que visavam suprir o déficit habitacional e a atuação dos meios não governamentais, ONGs e movimentos sociais, no combate à precariedade da moradia brasileira. Além disso, para compreender o sujeito que vive em uma situação de vulnerabilidade social, foi utilizada a abordagem psicanalítica. Em seguida, foram realizadas duas entrevistas com uma moradora de uma favela da cidade de São Paulo, a Kampala, que foi previamente designada para obter a casa por meio da atuação da ONG TETO: uma entrevista antes do processo de construção e outra após o evento realizado pela organização não governamental. A partir dos resultados e análises das entrevistas, foi possível perceber quais os atravessamentos vividos pela moradora, que se fortificam ou não pela presença da ONG na Kampala.

Palavras-chave: moradia emergencial; favelas; psicanálise

SUMÁRIO

PREFÁCIO	6
1. Processos de favelização e políticas habitacionais no Brasil	8
2. A luta por moradia: movimentos sociais e ONGs	18
3. A Kampala.....	23
PSICANÁLISE E VULNERABILIDADE SOCIAL.....	26
MÉTODO	30
Instrumentos.....	31
Procedimento	31
Cuidados éticos.....	32
RESULTADOS	33
Primeira entrevista:.....	34
Questões de saúde	34
Relações pessoais	35
Situações de abuso sexual	39
Moradia	39
Religião	42
Segunda entrevista:.....	44
Questões de saúde	44
Relações pessoais	44
Situações de abuso sexual	44
Moradia	44
Religião	45
DISCUSSÃO.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	55

ANEXOS.....	63
ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	63
IRACEMA: PRÉ CONSTRUÇÃO	63
IRACEMA: PÓS CONSTRUÇÃO	79
ANEXO II - TCLE.....	85

PREFÁCIO

Foi em 2013, por meio da parceria com o Colégio Franciscano Pio XII, que pude participar do meu primeiro evento da ONG TETO, uma construção de moradias emergenciais na Brasilândia, bairro de baixa renda da Zona Norte de São Paulo. A partir de então, passei a viver uma grande imersão nas atividades promovidas pela ONG, até meados de 2017, que resultou em ampliar cada vez mais meu interesse pela gritante desigualdade social brasileira, com foco nos espaços de exclusão social.

Nos eventos de construções de moradias emergenciais, pude me aproximar dos territórios periféricos da cidade, vivenciar momentaneamente a dificuldade de acesso à água, saneamento básico, falta de estruturas nas ruas e casas, resultantes de uma condição socioeconômica precária que leva à invisibilidade e esquecimento destes lugares por parte do poder público. Já por meio das atividades no escritório do TETO, fui membro da área de Formação e Voluntariado, mais especificamente na Equipe de Colégios, isto é, área da ONG responsável pela parceria com colégios de São Paulo. Além de proporcionar aos alunos a vivência nos eventos em comunidades, a equipe é responsável por pensar cuidadosamente na formação desses voluntários, para que além de participarem dos eventos, pudessem refletir sobre a desigualdade social ali presente. Fazer parte dessa equipe ampliou meu pensamento cujo foco era apenas nas favelas, para pensar em como a ONG influencia não só os moradores que entram em contato com as atividades, mas também em como essa imersão influencia os alunos das escolas que estão em fase de formação.

De alguma forma, a vivência intensa nas favelas de São Paulo me levou à psicologia e conseqüentemente ampliou ainda mais meu interesse de pensar além do viés sociopolítico, mas também psíquico, de quem mora em condições precárias. Segundo Rosa (2002), para pensar nesse sujeito que está em uma posição de exclusão social, é necessário compreender, que como consequência da sua constituição subjetiva, o mesmo possui um efeito de “resto”. Passei a me questionar se o modelo de trabalho do TETO, que visa a atuação em conjunto de voluntário e moradores, de alguma forma pode auxiliar em fazer o resgate desse sujeito da posição de resto, para que ele possa ser escutado.

Apesar das grandes produções acadêmicas sobre a favelização no Brasil, ao se pensar nas atuações das ONGs nesses espaços, a quantidade de pesquisas feitas é muito

pequena. Esse número diminui ainda mais no que diz respeito especificamente à ONG TETO, tornando-se praticamente inexistente. Sendo assim, após somar a minha vivência como voluntária da ONG e pensar nos efeitos psíquicos de quem está em posição de exclusão social, pude chegar ao problema de pesquisa: quais são os impactos da construção de moradias emergenciais no sujeito que habita a favela?

1. Processos de favelização e políticas habitacionais no Brasil

Morar é constituir um *habitus*, da mesma forma que o campo escolhido, para a habitação, isto é, o território, é anterior ao sujeito e suas possibilidades de escolha (FURTADO; et al, 2010). Presente na história do homem, procurar abrigos para proteger-se do frio e outros perigos também é o que garante a sobrevivência e a reprodução humana. Portanto, desde sua forma mais primitiva, habitar é essencial para o indivíduo, sendo produto de uma necessidade inerente a todos da sociedade (MONTEIRO; VERAS, 2017). A moradia é um dos direitos sociais e o habitar é essencial para a produção de subjetividade e para a constituição do sujeito, além de ser um meio de produção de cuidados (FRANCO; VAN STRALEN, 2013).

No Brasil, em decorrência da urbanização e mercantilização da terra, o habitar ocupou-se de diversas formas, entre elas, expandiram-se os assentamentos precários e os processos de favelização (MONTEIRO; VERAS, 2017). Nesta pesquisa, focaremos nas favelas do estado de São Paulo. Esses territórios, na maioria das vezes, tratam-se de espaços periféricos sem acesso à cidade que, após os processos de globalização e retirada do Estado, apresentaram uma escassez do trabalho formal e uma intensificação do tráfico (BROIDE, 2010).

O processo de urbanização brasileiro manteve uma já existente concentração de riquezas e poder, levando a uma má distribuição de terra e segregação territorial após o imperialismo brasileiro, isto é, período que teve início com o Imperador D. Pedro I, em 1822, e se prolongou até a Proclamação da República, em 1889. Segundo Ferreira (2009), foi no ano de 1897 que se iniciou a ocupação de dois morros do Rio de Janeiro, morro da Providência e de Santo Antônio, dando início a um processo de favelização em consequência de um crescimento acelerado e escassez de moradias. Já a denominação deste espaço como favela, surgiu após a Guerra de Canudos no sertão baiano, em que havia a presença de uma planta comum com este nome. No final da guerra, ex combatentes passaram a habitar o Rio de Janeiro, apelidando o morro da Providência de Morro da Favela, dando origem ao nome (QUEIROZ FILHO, 2015).

Oficialmente, a primeira favela foi incluída na contagem do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apenas em 1950, e localizava-se também no Rio de Janeiro (PASTERNAK; D'OTTAVIANO, 2016). Já no Estado de São Paulo, acredita-se que os

primeiros processos de favelização tiveram inícios na década de 1940, no bairro da Mooca, zona leste da capital (TASCHNER, 1999). Em 1972, relacionado também com a situação econômica do país, os jornais denunciaram um grande número de loteamentos clandestinos, ou seja, muitos indivíduos compraram propriedades para construir suas casas, e ao longo dos anos pagando prestações, descobriram que suas terras não eram oficiais, caracterizando a situação como invasão de propriedade (GOHN, 1991). Em seguida, em 1980, com a crise econômica, passa a ocorrer um aumento relevante das áreas de pobreza periféricas no país marcando as zonas de exclusão social (MARICATO, 2003).

Em consequência do aumento das favelas no Brasil, ampliaram-se também as dificuldades de acesso à cidade para aqueles que habitavam as periferias. As infraestruturas como saneamento básico, transporte, serviços públicos como creches, escolas e dispositivos da saúde tornaram-se de difícil acesso para os moradores das favelas (MARICATO, 2003). Já em 1987, o número de ocupações de espaços urbanos com moradias precárias era altíssimo, estimava-se que um total de 20% da população municipal possuía sua habitação em favelas (TASCHNER, 1999). Segundo dados do IBGE, em 1991 a área estimada de processos de favelização no município de São Paulo, era de 24.709.340,07m², já em 2000 esse número aumentou para 30.624.227,28m². Em relação à população estimada nesses locais, em 1991 era de 891.673, já em 2000, o número passou a ser 1.160. 590, mostrando uma expansão significativa nas áreas de favelização (MARQUES; TORRES; SARAIVA, 2003).

Além disso, há um aumento significativo do déficit habitacional, ou seja, há um crescimento na falta de habitações necessárias para suprir toda a população sem moradia ou a quantidade de famílias em moradias precárias. Segundo a Fundação João Pinheiro (2018), essa inadequação imobiliária pode ser medida tanto pelas moradias precárias, sejam elas domicílios rústicos ou improvisados, pela quantidade de coabitação, pelo ônus excessivo com aluguel e pelo adensamento excessivo de domicílios alugados. Em 2015, estima-se que o déficit tenha alcançado, no país, por volta de 6,355 milhões de domicílios. Só no Estado de São Paulo este número chegou a 1,337 milhões, totalizando o único estado que ultrapassa a necessidade de um milhão de novas habitações (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2018).

Voltando a 1948, foi na Declaração de Direitos Humanos que a moradia passou a ser tratada como um direito. O artigo 17 afirma: “1. Todo ser humano tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros” (UNICEF, 1948). Esse direito se perpetua até a constituição de 1988, porém só é adicionado em 2000 na Emenda Constitucional nº26/00 “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (BRASIL, 2000). Em contrapartida, apesar de dever do Estado, o Censo 2010 mostra que 323 municípios possuem aglomerados subnormais, e a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, de 2011, informa que há a presença de favelas ou semelhantes em 809 municípios brasileiros (BRASIL, 2010; BRASIL, 2011).

Apesar das pesquisas, acredita-se que não há dados confiáveis em relação às favelas e assentamentos precários no Brasil, devido à “(...) dificuldade óbvia de conhecer a titularidade da terra sobre as quais as favelas se instalam” (MARICATO, 2001, p. 154). A própria definição de “favela” já é fruto de grandes discussões, segundo a Secretaria Nacional de Habitação, a expressão “assentamentos precários” caracteriza um “conjunto de assentamentos urbanos inadequados ocupados por moradores de baixa renda”, dentre eles, favelas e cortiços (BRASIL, 2010, p. 9). Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, define favela como “aglomerado de domicílios subnormais”, ou seja, um conjunto de, no mínimo, 51 domicílios (barracos),

(...) ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) dispostos com frequência de forma desordenada e densa. (BRASIL, 2010, p. 24).

Ao pensar na palavra “favela” como uma expressão da linguagem, fica explícita sua importância política e a identificação que o morador cria com o seu território, seus laços sociais. Logo, nota-se que o habitar vai além da casa física e depende também de sua integração na trama urbana, vizinhança, atendimentos, serviços e o equipamento social ali presente (PASTERNAK, 2016). Sendo assim, ao falar em favela, além da moradia precária, está presente a “exclusão do acesso aos bens e aos modos de gozo próprios do modelo econômico neoliberal” (ROSA, 2002, p. 1).

Dessa forma, pode-se concluir que o surgimento dessas ocupações irregulares, ocorre também devido a uma falta de acesso à moradia e falta de investimento do governo em políticas habitacionais. Segundo Nascimento (2016), o aumento das zonas periféricas é em decorrência da falta de interesse político nessas áreas, que mantém o investimento voltado para propriedades privadas de condomínios, pela ineficácia do judiciário e pela relação direta entre mercado imobiliário e capital financeiro.

Em 1850, com a criação da Lei Nº 601, conhecida como “Lei de Terras”, tornou-se ilegal qualquer forma de adquirir uma terra a não ser pela compra, marginalizando qualquer outro meio de posse e ocupação. A lei teve grande influência após a abolição da escravatura, que levou a inúmeros ex-escravos ocuparem terras de forma “ilegal” (HOLZ; MONTEIRO; 2008).

Já no que diz respeito às políticas habitacionais no Brasil, segundo Holz e Monteiro (2008), o século XX é permeado por processos de exclusão da urbanização ou produção de habitações sociais. Na segunda metade desse século, em decorrência dos processos de industrialização e modernização, somado a um aumento de desemprego no campo, houve como consequência um êxodo rural, o que ampliou a busca por moradias nos espaços urbanos (PRIORI; et al, 2012).

Em 1964, com o aumento populacional nas cidades e, conseqüentemente, no número de ocupações irregulares, surge a Lei Nº 4.380 que estabelece o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e:

(...) institui a correção monetária nos contratos imobiliários de interesse social, o sistema financeiro para aquisição da casa própria, cria o Banco Nacional da Habitação (BNH), e Sociedades de Crédito Imobiliário, as Letras Imobiliárias, o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo e dá outras providências (BRASIL, 1964).

O SFH utiliza duas formas de recursos. A primeira, é pelo Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), cujo financiamento ocorre por meio do Banco Nacional de Habitação (BNH), e a segunda, pelo Sistema de Financiamento Imobiliário (SFI), em que o crédito habitacional é concedido pelos bancos (BRASIL, 2017). Por exigir comprovação de renda, o sistema de financiamento não foi positivo para a classe de nível socioeconômico baixo, além de ter incentivado políticas de remoção das ocupações ilegais.

Na década de 1980, a “década perdida”, frente ao desastre econômico brasileiro, o sistema de financiamento acabou por gerar uma inadimplência relevante, resultando em benefícios apenas para parte da população que não estava em condição precária (HOLZ; MONTEIRO; 2008). Devido ao pagamento de dívidas externas geradas pela ditadura militar, teve-se como consequência a falta de legitimidade dos governantes e a recessão econômica, levando a uma extinção das políticas habitacionais no país (GOHN, 1991). Após atuar por 22 anos, o Banco Nacional de Habitação (BNH) teve seu fim, ocasionando um enfraquecimento das políticas públicas de habitação nos anos consecutivos (RODRIGUES; MOREIRA, 2015). Além disso, a crise econômica também piorou o acesso à terra e à moradia, tendo como consequência um inchamento das favelas e aumento das dificuldades financeiras da população (GOHN, 1991).

Apenas em 1993, há um retorno das políticas públicas de habitação, mas ainda assim com um programa que foi considerado de pouca eficiência. É desta forma que é implementado o Programa Habitar Brasil. O objetivo do programa consistiu em prestar atendimento à população de baixa renda e aos moradores de assentamentos precários. Diferente do Pró-Moradia (aprovado posteriormente), cujo financiamento era realizado pelo FGTS, no caso do Habitar Brasil, o financiamento ocorria por meio de emendas parlamentares (CARMO, 2006). Em um segundo momento, o programa passou a ser financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o que permitiu a criação de dois subprogramas: Desenvolvimento Institucional (DI) e Urbanização de Assentamentos Subnormais (UAS) (SILVA, 2013).

Em 1995, junto com a retomada do FGTS é aprovado o Programa Pró-Moradia pela resolução 181 (RODRIGUES; MOREIRA, 2015). Com o objetivo de auxiliar famílias em situação de risco social, o programa utilizava-se do apoio do poder público local visando a melhoria da qualidade de vida da população. Por ser um programa com a base de financiamento de recursos do FGTS, era necessária a apresentação de uma contrapartida mínima que variava entre 10% e 20% do valor do empreendimento (CARMO, 2006).

Em consequência da divulgação do documento da Política Nacional de Habitação, sob responsabilidade da Secretaria de Política Urbana, em 1996, surge um dos programas de grande importância para a política habitacional brasileira: o Programa Carta de Crédito criado no governo de Fernando Henrique Cardoso, que perdurou até os primeiros anos do

governo Lula; cujo financiamento poderia ocorrer em duas instâncias: individual ou associativa (BONDUKI, 2008). Apesar de terem sido financiadas aproximadamente 1.515.773 unidades habitacionais e apresentar um modelo inovador e maleável, que permitia ao beneficiário a escolha entre imóvel novo, usado, compra de terreno, entre outros, o programa, principalmente a Carta Associativa, tornou-se um meio do setor privado captar recursos do FGTS (CARMO, 2006).

Em 1999, foi criado o Programa de Arrendamento Residencial (PAR), cujo financiamento foi realizado também pelo FGTS e por meio de recursos de ordem fiscal (BONDUKI, 2008). O programa possuía como público alvo famílias de renda de até seis salários mínimos, atendendo tanto ao setor público quanto ao privado (CARMO, 2006).

Como reflexos da Emenda Constitucional nº26/00, que inclui a moradia como direito, a partir dos anos 2000, os programas de habitação voltam a se intensificar (RODRIGUES; MOREIRA, 2015). Conhecido como Programa Habitação Rural, surge em 2000 o Convênio FGTS/Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Visando atuar frente à situação de precarização das moradias no setor rural, foi estabelecida uma parceria com o Incra. Apesar de em 2000 e 2001, ter ocorrido construção de 11.584 e 55.550 unidades habitacionais, respectivamente, o programa apresentou dados distantes da meta esperada (CARMO, 2006).

Já o Programa de Subsídio Habitacional (PSH), criado em 2001 e revogado em 2004 pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, possuiu como objetivo tornar acessível a moradia para os segmentos populacionais de baixa renda familiar pelo Fundo de Financiamento ao Programa de Subsídio Habitacional. Segundo Carmo (2006), o programa foi um dos pioneiros na oferta dos recursos, gerando uma maior disputa em empresas privadas pelo repasse financeiro público.

Nos anos de 2000 a 2003, foi implementado o Programa Morar Melhor. O objetivo do programa consistia em auxiliar famílias de até no máximo 3 salários mínimos, focando nas que residiam em zonas de risco (BRASIL, 2004). Segundo Carmo (2006), foram cerca de 110 mil unidades habitacionais construídas sob responsabilidade do programa, sendo 60% delas no Nordeste. O Morar Melhor possuía três frentes de atuação: construção de unidades habitacionais providas de infraestrutura básica, urbanização de áreas de risco e produção de lotes urbanizados (CARMO, 2006). O Programa obteve como resultado

avaliações positivas dos beneficiários, apesar de apresentarem certo descontentamento em relação aos gastos com a moradia (BRASIL, 2004).

Em julho de 2001, frente ao grande número de assentamentos precários, surge a Lei Nº 10.257, que visa regulamentar os artigos 182 e 183 da constituição. Conhecida como Estatuto da Cidade, a Lei garante “o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental” (BRASIL, 2001). A lei permitiu também a criação de instrumentos legais como “Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional de desenvolvimento urbano, as audiências públicas e a gestão orçamentária participativa” (JANSEN, 2012, p. 167), cujo objetivo é defender o direito à moradia. O Estatuto depende diretamente dos municípios, e pode atuar por meio dos planos diretores elaborados pelas prefeituras (BONDUKI, 2008).

Logo que Lula assumiu a Presidência, em 1º de janeiro de 2003 foi criado o Ministério das Cidades, responsável por criar políticas setoriais de habitação. Sua criação foi considerada inovadora para as políticas urbanas, levando em conta que, em 2000, 80% da população residia em cidades, segundo dados do IBGE (BRASIL, 2015). O Ministério ficou responsável por coordenar e gerir a Política Nacional de Desenvolvimento Urbano, além de prestar auxílio e investir em mudanças no Estatuto das Cidades (BONDUKI, 2008).

Em decorrência da criação do Ministério das Cidades em 2004, foi elaborada a Política Nacional de Habitação, cujo objetivo é assegurar à população uma moradia digna, por meio de ações democráticas, descentralização e participação popular (BRASIL, 2004). O principal instrumento da Política Nacional foi o Sistema Nacional de Habitação, cujo objetivo era acabar com o déficit habitacional a partir da participação dos Conselhos das Cidades (BRASIL, 2004). Em 2005, foi aprovada a Lei nº11.124, que incentivou que os municípios aderissem ao Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS), visando a criação de seus próprios fundos e conselhos locais (MARGUTI, 2018). O SNHIS, é um subsistema criado a partir da pressão e mobilização dos Movimentos Populares de Moradia de diversas entidades e do Movimento Nacional da Reforma Urbana, que possui como objetivo garantir acesso à moradia a partir da criação do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (BRASIL, 2004).

Apesar dos grandes avanços no planejamento e execução de políticas habitacionais, após a saída do Ministro Olívio Dutra, cuja posição passou a ser ocupada por Márcio Fontes

de Almeida, algumas medidas descritas na Política Nacional de Habitação enfrentaram resistência. Por ser de um partido dito como conservador, Partido Progressista (PP), Márcio fragilizou o avanço institucional e colocou restrições em um projeto de lei que precisou de reformulações. A aprovação desse projeto foi o que tornou possível a criação do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (BONDUKI, 2008).

Apesar dos esforços, o Brasil sempre se manteve permeado de um processo de exclusão social e a inclusão precária no setor habitacional (MONTEIRO; VERAS, 2017). Em 2008, após um cenário crítico de crise hipotecária nos Estados Unidos, o Brasil passou a repensar suas políticas habitacionais e optou por utilizar-se de modelos chilenos e mexicanos, cuja base é o subsídio direto ao comprador (MARGUTI, 2018). Sendo assim, em 2009, no segundo Governo Lula, foi criado o Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), incorporado ao PlanHab (Plano Nacional de Habitação).

O PlanHab, consequência do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social, é um projeto de longo prazo, que visa atuar frente às necessidades habitacionais do Brasil (BRASIL, 2009). Com auxílio da participação popular, sua construção se manteve de 2007 a 2009, sendo criadas divisões de grupos sociais que seriam atendidos a partir de prioridades que foram traçadas, direcionando para quais programas seria necessário um maior investimento (MOURA; FERREIRA, 2004).

A implementação do PMCMV no PlanHab passa a ser de extrema importância para o combate ao déficit habitacional no país, por meio de uma produção habitacional de larga escala (MARGUTI, 2018). Segundo o Plano Nacional de Habitação, o Programa possui um “Fundo Garantidor que oferece cobertura de até 36 prestações mensais em casos de perda temporária de emprego ou renda” (BRASIL, 2009, p. 192) além de disponibilizar subsídios elevados e baixas taxas de juros para as famílias de baixa renda, visando criar um:

(...) ambiente econômico confiável que estimule o crescimento do mercado formal de habitação e crédito, bem como a geração de emprego (BRASIL, 2009, p. 192).

O PMCMV 1 teve sua fase inicial de 2009 a 2011, com o objetivo de atender a famílias que recebem até 10 salários mínimos, movimentou um total de 34 bilhões de reais. A meta do programa que consistia na construção de 1 milhão de unidades habitacionais,

foi atingida em 2010. Consequentemente, no governo Dilma, em 2011, foi lançada a segunda fase, o PMCMV 2, com a meta de construção de 2 milhões de moradias (MONTEIRO; VERAS, 2017). Em 2014, o programa já contava com um total de 3,75 milhões de moradias em andamento (MARGUTI, 2018).

Ainda que o PMCMV tenha produzido enormes avanços na luta contra a precarização de moradias no Brasil, segundo Krause, Balbim e Lima Neto (2013), o programa foi executado de forma diversa em relação ao seu planejamento inicial descrito no PlanHab. Dessa forma, pode-se dizer que os princípios e diretrizes para o enfrentamento do déficit habitacional presentes no Plano Nacional de Habitação não orientam, nem mesmo de forma parcial, a forma como o Minha Casa Minha Vida foi implementado. Apesar de manter o investimento na construção civil em um momento de crise econômica internacional, a hegemonia do setor privado proporcionou que nem metade da produção necessária fosse efetivada (MARGUTI, 2018). Somado isto a uma compreensão de moradia estritamente como a casa física para se morar e negligenciando as diversas condições de acesso à cidade e direitos básicos, a localização exclusiva de terrenos baratos e muitas vezes periféricos, mostra que o foco do programa foi direcionado a interesses do mercado (KRAUSE; BALBIM; LIMA NETO, 2013). Segundo Boulos (2014), apesar do programa fornecer a construção de moradias e habitações populares, 75% delas foram destinadas a famílias com a renda superior a 3 salários mínimos, o que não solucionou o problema do déficit habitacional, mas permitiu que as construtoras privadas pudessem lucrar, além de prestarem um serviço muitas vezes de má qualidade. Dessa forma, é possível notar que o MCMV, apesar de grandes avanços, enfatizou ainda mais a compreensão da moradia como produto de mercado e lucro capital.

Já no que diz respeito a políticas voltadas diretamente para os assentamentos precários, em 2007, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), passou-se a garantir investimento no setor. O Programa de Urbanização de Favelas permitiu a realização de obras visando a eliminação de riscos e deficiências nas infraestruturas urbanas de favelas como o Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, a Paraisópolis, em São Paulo, entre outras (BRASIL, 2010). O objetivo do programa é de garantir o acesso à infraestrutura a partir da urbanização destas áreas precárias, considerando isso como algo necessário para a regularização fundiária e inserção da população dentro do contexto legal da cidade (BRASIL, 2010).

Já em 2016, com o *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, houve rupturas e pressões para a redução de investimentos públicos em habitação e conseqüentemente a grande maioria dos programas se encontra sem continuidade (IPEA, 2018). Segundo Marguti (2018), o modelo de hegemonia privada inspirado no México e no Chile, engessa as políticas brasileiras, tornando-as focadas unicamente na construção de unidades habitacionais. Já as possibilidades cujos focos não estão no mercado e na produção de capital por meio da especulação imobiliária, acabam ficando em segundo plano. Dentro deste cenário, existem possibilidades como a Carta de Crédito Assistido, que permite a família escolher o local e o modelo de sua habitação mais adequado para suas necessidades. Marguti (2018), acrescenta que além das vantagens no âmbito social, este modelo de programa permite uma competição positiva para o mercado residencial.

Apesar dessa multiplicidade de programas que visam solucionar o déficit habitacional no Brasil, a grande quantidade de assentamentos precários explicita a necessidade de novas políticas públicas e o fortalecimento das já existentes, de forma que proporcionem além do surgimento de áreas habitacionais que não apresentem riscos aos moradores, mas de habitações que estejam integradas a áreas urbanas e que permitam o acesso à cidade, saúde, educação, transporte e a todos os direitos básicos de cada ser humano (MARGUTI, 2018).

Essa difícil e complexa questão habitacional no Brasil está presente de forma estrutural, em que o modelo econômico vigente não permite a todos possibilidade financeira suficiente para a compra de imóveis. Segundo Gohn (1991), vai além de uma incapacidade do Estado, mas também de uma escolha de mercado que leva a população a se alojar em espaços precários e periféricos, tendo como consequência o surgimento de mobilizações sociais populares.

2. A luta por moradia: movimentos sociais e ONGs

Há no Brasil uma forte presença de movimentos populares na luta por direitos humanos. A retomada da potência desses movimentos, ocorreu próximo a década de 1970, juntamente com o aumento força do movimentos que lutaram pela redemocratização do Brasil, apesar de eles já estarem presentes desde o Brasil colônia e das lutas pela independência. Os anos de 1980, após o fim da ditadura, foram os responsáveis por fortalecer uma “politização social”. Em decorrência dos movimentos pelas Diretas Já, houve o renascimento de uma grande mobilização e luta popular. Com o passar dos anos, os movimentos sociais cresceram cada vez mais e tornarem-se mais próximos dos parâmetros legais e jurídicos, além de passarem também a reivindicar projetos de lei (GOHN, 1991).

Segundo o jornal O Globo (CISCATI; et al, 2018), só na cidade de São Paulo, atualmente há mais de 150 movimentos de luta por moradia, que ganharam força com o aumento do problema do déficit habitacional do país. Os movimentos reconhecem que há uma falta de acesso à moradia nos centros econômicos e comerciais, ou seja, que há uma presente exclusão do acesso à cidade, levando as favelas para os espaços periféricos (TATAGIBA; PATERNIANI; TRINDADE, 2012). Segundo Maria da Glória Gohn (1991), devido à grande diversidade de formas de atuação e origem, é necessário fazer algumas diferenciações entre os movimentos. Dentre os movimentos sociais, existem os movimentos sociais urbanos (MSU), estes se originam de forma espontânea, nascem nos bairros e locais onde estão localizadas as moradias, mas são heterogêneos quanto à classe social, apesar da forte presença de camadas populares. Já os movimentos sociais populares urbanos, possuem a presença unicamente restrita das camadas populares.

Dentre os mais conhecidos está o Movimento dos Trabalhadores sem Teto - MTST, que ganhou ainda uma maior visibilidade após as eleições de 2018, em que Guilherme Boulos, membro da coordenação do movimento, foi candidato a presidência pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Em contrapartida, essa visibilidade nem sempre é favorável, pois ainda há uma grande criminalização do movimento, seja por parte da grande mídia ou pela classe dominante, em consequência de um conflito de interesses entre especulação imobiliária e moradia digna para todos (OLIVEIRA, 2010). A própria gestão atual do país coloca a organização ainda mais em risco. O atual presidente, Jair Bolsonaro, já fez declarações contrárias ao movimento. Segundo o jornal Estado de São Paulo (2018),

em um evento na Associação Comercial do Rio de Janeiro, Bolsonaro disse que o movimento é composto por "marginais que devem ser tratados como terroristas" (PENNAFORT, 2018).

Com início por volta de 1990, o MTST surge a partir da união sociopolítica com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que já possuía uma longa história na luta por direitos e nas organizações da esquerda (GOULART, 2011). Diferente de outros movimentos como o Movimento Sem-teto do Centro (MSTC), o MTST possui seu foco de atuação nos bairros periféricos, pois considera ser o local onde os trabalhadores urbanos vivem. Sua luta é contra os interesses capitalistas e a exclusão de grande parte da população nas políticas de Estado e seu principal objetivo é a construção de poder popular. Os principais integrantes da luta são os sem teto, que segundo Boulos (2014), são pessoas que não possuem moradia, indivíduos cuja habitação se encontra em situação precária ou crítica, pessoas que coabitam casas e terrenos com outras famílias, pessoas que pagam aluguéis excessivos, entre outros.

Quanto à forma de atuação, o MTST se pauta na luta direta, ou seja, a partir das mobilizações, ocupações de terras urbanas e manifestação, resistem e exercem pressão frente ao Estado e aos interesses privados, além de denunciar o problema da moradia no país (MTST, 2019). Segundo Boulos (2014), toda propriedade deve ter uma função social de acordo com a constituição; sendo assim, é necessário que todo loteamento de terra seja usado para moradia, comércio, produção, entre outros, conseqüentemente, um terreno vazio e sem uso, cuja função é apenas o aumento da especulação imobiliária pode ser considerado ilegal. Ao ocupar este espaço, o terreno antes vazio, passa a ser palco de luta por direitos e a ter uma função de moradia social, dessa forma, pode-se dizer que "ocupar uma terra que não tenha função social é cumprir a lei" (BOULOS, 2014, p. 26). Segundo Spink (2018), por esses e outros motivos, o Movimento dos Trabalhadores sem Teto, vai além de uma busca por construção de moradias, mas possui uma grande atuação social e política na luta por direitos, de forma organizada e coletiva.

De forma geral, os resultados obtidos pelas lutas de movimentos sociais possuem impactos muito positivos na população e nos participantes, mas para isso, estes movimentos precisam possuir projetos transformadores, que apresentem a negação da ordem social capitalista e como resultado, proponham o novo a partir de decisões

democráticas. Sendo assim, é possível obter um aprofundamento dos direitos sociais dos participantes, uma maior consciência da segregação social, política, econômica e da luta de classes, uma nova formação da história a partir dos sujeitos que lutam e passam a ser reconhecidos pela sociedade e pelo Estado, passam a ter um novo entendimento sobre coletividade, denunciam a realidade e a incapacidade econômica, criam uma nova identidade popular, se apropriam de novas formas alternativas de gestão do poder popular, como a autogestão, se apropriam e ocupam o espaço urbano, questionam a reprodução do capitalismo e negam o sistema (GOHN, 1991).

Assim como os movimentos sociais, e impulsionados por ele, é também na década de 1970 que se inicia a constituição das ONGs. Segundo Landim (1993), apesar da expressão “Organizações não governamentais” (ONGs) ter seu nascimento na ONU após a Segunda Guerra Mundial, no Brasil, seu uso ainda é recente. Entre as décadas de 1970 e 1980 houve um fortalecimento do termo no território latino-americano, frente a uma ascensão dos movimentos sociais e organizações civis. Na década de 1980, surgiram as primeiras manifestações do termo na mídia, momento em que o conceito passa a ganhar maior importância política em decorrência da forte presença dos movimentos sociais no processo de redemocratização e oposição política no Brasil (COSTA; SILVA; BONAN, 2001). Acredita-se que os movimentos de militantes marxistas pós-64, baseados nos ideais de Paulo Freire e as igrejas cristãs populares foram os pioneiros a iniciar o movimento, dando origem aos primeiros “Centros de Educação Popular”, ou seja, foi o início das organizações de cunho social sem fins lucrativos (LANDIM; COTRIM, 1996).

Junto com o aumento da visibilidade das organizações, em 1991, surge a Associação Brasileira de ONGs – ABONG, visando fortalecer as Organizações da Sociedade Civil (OSCs) (ABONG, 2019). Em seguida, ocorre no Rio de Janeiro a ECO-92, em 1992, uma conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento, momento decisivo em que a imprensa passa a utilizar a expressão “organizações não governamentais”, além de tratá-la como sinônimo para entidades sem fins lucrativos (OLIVEIRA; HADDAD, 2001).

Segundo Landim (1993, p.19), foi após a ECO-92 que as ONGs passaram a ser uma “mercadoria simbólica de valorização crescente”, ou seja, a conferência teve como consequência um aumento significativo da “sociedade civil organizada”. Estima-se que em

1995, 1,12 milhões de pessoas exerceram serviços de forma assalariada para “organizações não governamentais”. Já ao somar com os voluntários, isto é, indivíduos que trabalharam sem remuneração, resultou em um total de 1,5 milhão de pessoas (OLIVEIRA; HADDAD, 2001).

Mas o que são ONGs? A definição ainda é complexa por se diferenciarem de partidos políticos, igrejas, caridades, entre outros. Apesar de apartidárias, as organizações possuem uma enorme incidência em política, visam um trabalho articulado preservando a autonomia da sociedade, e mais do que isso, possuem o objetivo de fortalecê-la (COSTA; SILVA; BONAN, 2001). De forma geral, as ONGs acabam por tentar suprir uma falta do Estado, a partir deste fortalecimento comunitário.

Já no aspecto jurídico, as “organizações não governamentais” são incluídas entre as “organizações sem fins lucrativos”, sem haver nenhuma distinção destas, podendo ser também associações ou fundações. De acordo com Landim (1998), o termo ONG não possui definição jurídica, pois é uma construção social brasileira, apesar de suas origens no exterior, dessa forma, possui um caráter mutável, podendo se modificar com os anos e mudanças na sociedade. Sua definição é construída e modificada pelos próprios operadores, pelo senso comum, pela mídia ou até mesmo, pelo poder público (LANDIM; COTRIM, 1996). No que diz respeito às atividades realizadas por essas organizações, segundo dados de cadastro da ABONG, realizados em 1996, entre elas estão assessoria, educação popular, educação para cidadania, pesquisa, informação, entre outros. Já o seu público alvo consiste em crianças e adolescentes, movimentos urbanos, associação de moradores, mulheres, outras ONGs e por último, o público em geral (LANDIM; COTRIM, 1996).

Com o foco nas lutas pelo direito à moradia, em 1997, no Chile, nasce a ONG TETO. Sua formação teve início a partir de um grupo de jovens com o sonho de superar a situação de pobreza, e que, mobilizados por isso, passaram a pensar na construção de moradias emergenciais. Foi somente em 2001 que a organização se tornou efetivamente uma Organização sem Fins Lucrativos, o “Un techo para Chile” (Um Teto para o Chile), que futuramente teve o seu nome alterado para apenas “Techo” (TETO). Tendo em vista a necessidade da atuação também em outros países, o TETO se expandiu e hoje atua em 19 países da América Latina e Caribe (TETO, 2019).

No Brasil, a ONG está presente desde 2007 e atua junto às pessoas que vivem nas favelas mais precárias e vulneráveis dos centros urbanos. Sua forma de ação é por meio do trabalho em conjunto, ou seja, pela ligação entre o voluntário e a comunidade. Dessa forma, o TETO busca alcançar soluções para melhoria de vida no local, superar a situação de pobreza e formar jovens voluntários através da criação de vínculo com os moradores dos locais de atuação (TETO, 2016). Um de seus principais projetos é o Programa de Construção de Moradias Emergenciais, cujo objetivo é melhorar a qualidade de vida nos assentamentos precários a partir da habitação. Ao longo dos anos são realizadas diversas construções de casas de emergência nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Bahia e Minas Gerais. O tempo da construção varia aproximadamente de dois a seis dias, e conta com a presença de moradores e voluntários do TETO, fixos e pontuais para sua realização.

Apesar da grande atuação da ONG na América Latina, há dez anos em São Paulo, e mais recentemente em outros Estados do Brasil, o impacto dessas construções nos moradores que receberam e participaram da construção de sua casa de forma ativa ainda é pouquíssimo estudado.

3. A Kampala

Fotografia 1 – A comunidade Kampala



Fonte: Larissa Araujo Santos – voluntária do TETO

Por ser uma região com forte presença das classes populares, o histórico de lutas na zona leste de São Paulo é bem extenso, as demandas e necessidades do local também são significativas, resultando em uma presença de movimentos sociais marcante e de grande relevância na região (GOHN, 1991).

Mais especificamente no bairro da Penha (zona leste), está localizada uma das comunidades do Estado de São Paulo que contam com a presença da ONG TETO, a Kampala. Por ser um terreno cuja ocupação é irregular, há uma grande dificuldade em encontrar dados oficiais sobre a comunidade, sendo a maior parte das informações relato dos moradores. Essa falta de informações valida o território como um lugar inexistente, a própria comprovação oficial, ou não, de que moram famílias ali, só é possível ao se visitar o local, já que as instâncias legais e midiáticas negam e inviabilizam sua existência. Em contrapartida, apesar de seu lugar de invisibilidade, diferente de outros espaços precários de São Paulo, a Kampala se localiza próxima ao centro da cidade, o que permite um melhor

acesso a transporte público, dispositivos do SUS (Sistema Único de Saúde), SUAS (Sistema Único de Assistência Social), educação e cultura.

A origem de seu nome vem de sua localização, próxima à Rua Kampala. Já se comparada a outras favelas da região, é uma das menores, mas sua situação é extremamente precária e de grande vulnerabilidade. Segundo os moradores, não se sabe ao certo sua origem, mas relatam que a primeira ocupação foi retirada do local, mas ocuparam novamente logo em seguida. Segundo a Prefeitura de São Paulo (2010), essa reintegração de posse ocorreu em 2010 e somado às favelas vizinhas, Tiquatira e Chaparral, foram retiradas mais de 2 mil famílias que ocupavam as áreas municipais. Não há informações sobre quais procedimentos foram realizados com as famílias em relação a auxílios para busca de outra moradia, apenas que ocorreu a retirada de todos para construção um parque no local, que até hoje não foi executada. Segundo relato dos moradores, rapidamente a região voltou a ser ocupada, e lá permanece assim até hoje.

Fotografia 2: Favela Kampala.



Fonte: Google Satélites

Fotografia 3: Bairros Jardins, zona nobre de São Paulo.



Fonte: Google Satélites

Apesar da reocupação ter se dado há alguns anos, a favela ainda mantém seu lugar de invisibilidade na população, na mídia e nas instâncias públicas. Além dos poucos dados

Fotografia 4: Localização da Kampala



Fonte: Google Street View

oficiais sobre a comunidade, segundo imagens do Google Satélite (Fotografia 2 e 3), fica claro o contraste da urbanização, ou falta dela, quando comparado a um bairro nobre da cidade (Fotografia 3), além de evidenciar a precariedade da organização urbana e o aglomerado desordenado de casas ali presentes. Já nas imagens do Google Street

View (Fotografia 4), o terreno ainda aparece como um espaço vazio, o que deixa explícito a falta de lugar na cidade para os moradores do território, como se sua moradia, além de precária, nem fosse passível de existência. De acordo com Kemper (2013), esta posição representa o lugar do excluído, que está fora da sociedade - em contraste com os outros que estão dentro - e fazem parte do que não é inscrito e nem representado.

Segundo Garcia (2006), a forma como a favela é representada, influencia na forma como o morador vê a si, como busca ser reconhecido como sujeito e de como busca ter um lugar social de pertencimento. Dessa forma, pode-se concluir que habitar um local que é visto de forma invisível, por aqueles que a ele pertencem e por aqueles que estão de fora, é habitar um não-lugar, resultando em um sofrimento do sujeito ao tentar situar-se no mundo (GARCIA, 2006).

Retomando a atuação da ONG TETO na comunidade, ao longo do ano de 2018, foi realizado um trabalho de forma pontual neste território. As atividades na Kampala, tiveram como objetivo melhorar a qualidade de vida dos moradores do local por meio da construção de moradias emergenciais, iniciando os preparativos para o evento da construção logo no início do ano, no mês de janeiro. O modelo de trabalho da ONG, possui algumas exigências, além do trabalho em conjunto, ou seja, a participação ativa do morador no processo de construção, lado a lado com os voluntários, o TETO exige também que o sujeito desmonte sua casa, para que a construção da moradia emergencial ocorra no mesmo terreno já previamente ocupado pela família, mantendo assim a habitação no mesmo local que a casa anterior. Essa presença da ONG TETO na Kampala resultou em um total de duas construções emergenciais, uma em cada semestre. Neste trabalho focaremos na construção do segundo semestre, que com o auxílio das famílias, teve como consequência um total de nove novas moradias no local.

PSICANÁLISE E VULNERABILIDADE SOCIAL

Para compreender o sujeito que habita uma favela, é necessário pensar em como a desigualdade social e sua posição de invisibilidade na cidade o constitui. Segundo Miriam Debieux Rosa (2016), viver em situações de risco e de exclusão social leva o sujeito a ter, não somente um desamparo social, mas também um desamparo discursivo (ROSA, 2016). De acordo com Freud, desamparo trata-se da experiência primária de imaturidade e incapacidade de ser autônomo, porém, ao passar dos anos, o sujeito permanece com medo da perda do amor, isto é, não se torna independente, se mantém desamparado (FREUD, 2016). Complementa Rosa que, quando o desamparo se trata do discurso, isto é, linguagem pela qual o sujeito define seu lugar social, a identificação dele com o lugar de “resto” o leva a um silenciamento, além de mantê-lo sob o discurso da classe predominante (ROSA, 2002, 2016).

O medo do desamparo é uma sensação presente na favela. Focando na habitação, há o medo da perda de sua moradia, seja por desastres ambientais como enchentes, por reintegrações de posse, dificuldades em pagar o aluguel, brigas com o comando do tráfico no local, entre outros. Tais fatores levam a uma dificuldade de organização de vida e a uma exaustão psíquica, além de um isolamento, ruptura com a rede social e ausência dos familiares, que resulta em uma quebra da cadeia simbólica (BROIDE; BROIDE, 2016; KEMPER, 2013).

Além das carências materiais e financeiras, a exclusão social é relacionada também com a marginalização, possuindo influência direta nos processos de identificação do sujeito e de um empobrecimento da inscrição simbólica (KEMPER, 2013). Segundo Viñar (2010), ainda há uma forte presença de fundamentalismos religiosos que dão suporte para genocídios e violências. É muitas vezes no tráfico e em gangues, que os sujeitos em situação de exclusão conseguem buscar espaços de reconhecimento e pertencimento. Frente a essa grande desqualificação de suas vidas, incerteza do futuro e a dificuldade de inscrição no laço social, muitas vezes, os jovens periféricos passam a ter “uma produção fantasmática em que a violência se torna a modalidade normatizada de laço social” (CATROLI; ROSA, 2013, p. 298).

Hélio Pellegrino (1983) acrescenta que o sujeito que vive uma injustiça social tenderá agredir a sociedade, levando a uma ruptura e a um aumento da violência, tanto pela

presença do tráfico ou da polícia. Sendo assim, observa-se como a renúncia pulsional que ocorre devido ao pacto social possui como consequência, dentro de um modelo capitalista, à luta de classes e em decorrência disso, um surto crescente desta violência. Segundo Kemper (2013), esta posição de exclusão não permite ao sujeito ser inscrito ou representável, o que possui como consequência uma compreensão da violência como algo externo ao indivíduo, que precisa ser combatido. De acordo com Rosa (2016), essa violência retorna sobre o sujeito e a sua comunidade, e seus efeitos podem ressoar por gerações. Sendo assim, é preciso despotencializar esta hostilidade para que o sujeito retome a cena. Tanto a naturalização da violência, quanto a ausência do Estado são inversamente proporcionais, ou seja, quanto mais distante o Estado, maior a presença do tráfico organizado devido à ausência da Lei (BROIDE; BROIDE, 2016).

O retrato dessa violência deixa sua marca nos dados de homicídios no Brasil. Segundo o Mapa da Violência de 2014, há uma queda no número de homicídios da juventude da população branca; já da população negra, isto é, a maior parte da população periférica e pobre do país, há um aumento significativo dos índices (WASELFISZ, 2014). Segundo Jorge e Emília Broide (2016), são nessas situações sociais críticas que se evidenciam a violência, morte e as diversas situações de caos vividas no território e no laço social habitado pelo sujeito, ampliando suas necessidades e urgências.

Segundo Poli (2015), os moradores de favelas se encontram na posição de exclusão social pois se diferem do que é “socialmente aceitável” dentro do padrão social vigente, assim como os moradores de rua, desempregados, população LGBTI+, adolescentes institucionalizados, entre outros. O que permite que a psicanálise consiga atuar nessas situações sociais, em primeiro lugar, é o fato de que, segundo Lacan (2008, p. 350) “inconsciente é a política”, sendo assim, a partir da clínica-política, é possível detectar e intervir nas formas mais sutis de preconceitos nos sujeitos desamparados pela falta e recurso para a elaboração de traumas, lhe permitindo recuperar o lugar da enunciação (ROSA, 2016, p.7). Segundo Jorge e Emília Broide (2016), o trabalho nas situações sociais críticas pode se estruturar a partir das ancoragens, ou seja, a partir da transferência estabelecida e uma escuta clínica, é possível buscar pelos “fios que amarram o sujeito a vida” (p. 30). Essa escuta também permite ao sujeito um efeito de testemunho, ou seja, abre possibilidades para que as narrativas saiam do espaço de invisibilidade, e passem a dar voz aos sujeitos. O trabalho clínico também pode ter efeitos na elaboração de conflitos,

além de proporcionar a construção de dispositivos que auxiliam o sujeito na constituição de seu próprio desejo (BROIDE; BROIDE, 2016).

Além disso, é necessário considerar que em espaços de grande vulnerabilidade social, a população se encontra mais suscetível a vivenciar situações traumáticas, seja pela forte presença da violência, por viverem em áreas de risco ambiental, entre outros. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o trauma trata-se de uma situação de grande intensidade pulsional, que possui como consequência efeitos de longa duração na organização psíquica. Esse excesso libidinal de angústia, não consegue inscrever-se no simbólico, ou seja, não é passível de ser representado por meio da linguagem, tornando o evento incompreensível, indizível, tendo como consequência dor e sofrimento intenso. A ocorrência do traumático constitui uma situação de violência psíquica, ocasionado pela falta de sentido dos eventos, que possui como resultado rupturas da relação do sujeito com a realidade externa (FUKS, 2010). Dessa forma, pode-se atuar clinicamente por meio de auxiliar o sujeito na enunciação e na construção de narrativas para o enfrentamento do traumático a partir da escuta psicanalítica. É nessa escuta, por meio da transferência, que ocorre o efeito de testemunho por quem sofreu o trauma e que permite a ressignificação dos acontecimentos (COSTA; PACHECO; PERRONE, 2016).

Já no que diz respeito à relação com as religiões, segundo Almeida (2019), é justamente nas classes populares, com foco no público feminino, que se encontra os maiores adeptos da igreja evangélica. Segundo Freud (1996), em *O futuro de uma ilusão*, os homens se uniram e criaram a cultura como forma de sobreviver frente a natureza perigosa. Em contrapartida, foi por meio dessa mesma cultura que os homens passaram a renunciar seus impulsos. Apesar disto, a natureza continuou apresentando sua força, por meio de chuvas, ventos etc., resultando em um desamparo do homem frente a sua potência incontrolável e muitas vezes, inexplicável. Como forma de se afastar desses perigos, reconciliar-se com a morte e ter recompensas pelos sofrimentos gerados pelas privações impostas pela cultura, surgem os Deuses. Sendo assim, a tentativa de tornar suportável o desamparo humano, passa a ser tarefa de ordem divina, por meio de compensar as falhas da cultura, sejam elas sobre os danos da natureza, ou aqueles causados pela própria sociedade. Logo, pode-se concluir que, quanto maior o desamparo, maior a busca por um Deus.

São essas instâncias divinas, ou seja, as religiões, mais especificamente as cristãs dentro de nosso contexto histórico-social, que passam definir as leis e a moral a partir de julgamentos que levam a recompensas bondosas ou punições, cujo valor é essencialmente importante no pós-morte (céu ou inferno). Freud (2016), em *O mal-estar na civilização*, afirma também que a imposição da religião para os fiéis, é tratada como o único caminho possível para a felicidade por métodos específicos:

Sua técnica consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência. A este preço, pela veemente fixação de um infantilismo psíquico e inserção num delírio de massa, a religião consegue poupar a muitos homens a neurose individual (FREUD, 2016, p. 29).

Já em *Totem e tabu* (2010), Freud acrescenta que, nas figuras dos demônios, há uma projeção da hostilidade inconsciente. As projeções são mecanismos primitivos, e apesar de não terem como objetivo principal a defesa, podem ser utilizadas como formas de solucionar um conflito emocional.

Mas apesar das tentativas, a religião sempre falhará nessa promessa do fim do sofrimento devido ao seu caráter ilusório. Sendo assim, pode-se concluir que a completude prometida é imaginária, pois, semelhante a desamparo infantil. Deus assume a posição de pai, aquele que proporciona segurança ao bebê, e Ihe permite inscrever-se no lugar de sujeito desejante. Apesar disso, ainda permanece no sujeito um resto indizível, fora do contexto simbólico, no campo do real, ou seja, o sujeito aliena-se na linguagem (MOREIRA; PINTO, 2012).

MÉTODO

A presente pesquisa contou com a participação de um sujeito morador de uma favela no Estado de São Paulo que foi previamente selecionado para receber a casa do TETO. A pesquisa é qualitativa e visa um estudo de caso, pois busca compreender a singularidade da produção entre pesquisador e pesquisado que se dá a partir de um conjunto de significações que emergem da transferência (SAMPAIO, 2006). Segundo Sampaio (2006), cada caso possui características comuns a todos os sujeitos, o que permite relacionar as análises com fatores mais ou menos universais.

Os instrumentos utilizados para este fim foram entrevistas semiestruturadas, permitindo ao sujeito associar livremente, com perguntas abordando suas vivências no território (favela) e sua relação com o habitar. Foram realizadas entrevistas antes e após o evento da construção das moradias emergenciais do TETO, permitindo uma análise da mudança de discurso, partindo do pressuposto que o inconsciente se expressa por meio da linguagem. Segundo Lacan, “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1988, p. 139), logo, a partir da fala do sujeito e da associação livre é possível ter acesso àquilo que o sujeito não lembra (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Essa escuta psicanalítica permite conhecer melhor o sujeito, sua história de vida, sua relação com o território e seus laços sociais criados na comunidade, assim como sua relação com o habitar (BROIDE; BROIDE, 2016)

Além disso, acredita-se que as dinâmicas de atuação da ONG no preparo da construção e após o evento, isto é, o seu modelo de trabalho, também influenciam no sujeito, tanto quanto a casa física. Esse modelo permite ao sujeito se manter no local, ou seja, no território na qual criou laços sociais.

Foram efetuadas leituras flutuantes das entrevistas transcritas, isto é, uma leitura que não prioriza nada do discurso inicialmente, para em seguida, serem criados focos de análise a partir destas. Cada foco de análise reúne as falas do entrevistado sobre determinado assunto relevante ao problema da presente pesquisa e, logo, à análise final. Em seguida, foram formuladas categorias para cada discurso conforme seus pontos principais, sendo estes comparados e analisados na discussão.

Instrumentos

Entrevistas semiestruturadas, com base no roteiro a seguir:

1. Conte-me sobre você. (Qual sua história de vida? Quais são seus sonhos e metas? Quais são suas dificuldades atuais?)
2. Como a casa em que você mora atualmente influencia na sua vida? (Quais as dificuldades e vantagens de morar aqui? A estrutura da casa te impossibilita em algo? A quanto tempo você está na comunidade? Como você chegou aqui?)
3. Qual a sua rotina e o seu dia-a-dia? (Por exemplo, sobre sua rotina, seu trabalho, seu lazer, momentos com a família. Como é o acesso a serviços públicos? Tem creche e posto de saúde próximos?)
4. O que você acha que a casa do TETO vai mudar na sua vida?

Entrevistas semiestruturadas pós construção, com base no roteiro a seguir:

1. Como anda sua vida? Ocorreram mudanças recentes? (Da última vez que nos vimos até hoje, mudou alguma coisa nos seus sonhos, metas ou dificuldades? Qual seu sentimento agora?)
2. Sua rotina? (Quanto à sua rotina, houveram mudanças no seu dia-a-dia, desde o acordar até o momento de dormir?)
3. Você acredita que a casa do TETO impactou sua vida de alguma maneira? (Quais mudanças a casa te trouxe?)

Ambas as entrevistas tiveram por volta de 50 minutos de duração e foram gravadas para depois serem transcritas. Os locais das entrevistas foram as próprias casas do sujeito, onde ela se sentiu mais confortável, mantendo-se dentro do território da favela e com privacidade para manter-se o sigilo.

Procedimento

Em um primeiro momento, foi necessária uma conversa com os representantes da ONG e com o líder comunitário da favela em que o TETO atua, para que eles, por estarem

em contato direto com os moradores, pudessem sugerir que pessoa poderia ser entrevistada. Este sujeito precisou seguir o pré-requisito de ter sido selecionado para participar da construção da casa do TETO e de aceitar participar da entrevista.

Foi realizada uma visita à favela antes da construção de casas do TETO, em um momento em que os moradores que participaram do evento já estavam definidos para realizar a primeira entrevista. O evento selecionado foi a pré-logística, que ocorreu duas semanas antes da construção. Nesse evento, moradores e voluntários são responsáveis por descarregar caminhões com os materiais necessários para a construção, para já estar tudo posicionado estrategicamente na comunidade no fim de semana do evento.

A segunda visita ocorreu após a construção do TETO, dessa forma, os moradores que receberam a casa e participaram ativamente do processo de construção lado-a-lado com os voluntários já tinham tido um tempo para vivenciar essa nova habitação e perceber as mudanças que ocorreram em sua vida. Neste caso, o evento escolhido foi a pintura, que ocorreu uma semana após a construção. Nesse evento, os voluntários retornam à comunidade para realizar reparos e a pintura da parte externa da casa construída, junto ao morador.

Cuidados éticos

No primeiro contato com a moradora da Kampala que a ONG TETO indicou, foi apresentado para a entrevistada o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exemplificando qualquer dúvida. Além disso, foram esclarecidos os riscos e benefícios de sua participação nessa pesquisa, com base nas Resoluções CNS/MS n. 466/12 e CNS/MS n. 510/2016 do Conselho Nacional de saúde, que dizem a respeito à pesquisa com seres humanos. Quanto aos riscos, podem ser considerados inexistentes, mas caso surja alguma necessidade, demanda ou desconforto, a pesquisadora se colocou à disposição para contato e apoio aos encaminhamentos pertinentes. Em relação aos benefícios, mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente a entrevistada contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Este projeto foi devidamente encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP). A aprovação para a realização deste estudo foi obtida em 29 de novembro de 2018 e está sob o número CAEE 02527318.8.0000.5482.

RESULTADOS

Inicialmente as entrevistas foram transcritas e depois foram realizadas leituras flutuantes, sem priorizar nenhum tópico. Em segundo momento, as entrevistas foram divididas em categorias temáticas, permitindo visualizar quais temas foram mais recorrentes no discurso da moradora, e como eles se apresentaram na segunda entrevista. A última etapa de análise, consistiu na interpretação dos dados obtidos em relação com a revisão bibliográfica apresentada anteriormente. As transcrições foram realizadas de forma literal, ou seja, se manteve os erros de linguagem utilizados pela entrevistada, acreditando na importância subjetiva destes.

O contato inicial com a moradora se deu pela indicação do TETO, seguindo o critério de ser uma das escolhidas para receber a casa. Por conta do sigilo, este trabalho utilizará o nome fictício, Iracema, para se referir a ela. A primeira entrevista foi realizada no interior da antiga casa da moradora, enquanto a mesma preparava café para vender aos voluntários do TETO presentes no evento em questão (pré logística), visando arrecadar a quantia necessária para o pagamento da casa. A ONG, por ter um posicionamento não assistencialista, cobra um valor simbólico dos moradores para a construção das moradias emergenciais.

Após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Iracema mostrou-se entusiasmada em participar da pesquisa e disse que iria plastificar o termo para deixá-lo exposto em sua parede, como um quadro. Ainda nesta primeira entrevista, Iracema iniciou contando a história de sua vida, do nascimento até hoje, tendo sido possível construir as seguintes categorias: questões de saúde, relações pessoais, situações de abuso sexual, moradia e religião, por terem sido as temáticas mais presentes. A segunda entrevista, ocorreu dentro da nova casa de Iracema, a construída pelo TETO. Neste segundo momento, ela optou por focar na relação com a nova casa, dando destaque para as categorias moradia e religião. Apesar da separação por temas, muitas falas de Iracema perpassam por mais de uma categoria, sendo religião um dos principais temas utilizados para se referir a qualquer outro assunto. Somando as duas entrevistas, a palavra “Deus”, foi citada pela entrevistada num total de 121 vezes.

Primeira entrevista:

Questões de saúde

No primeiro relato de Iracema, a temática da saúde se faz muito presente dentro da sua história pessoal e de seus filhos. Por morar desde o nascimento em zonas de risco, a precariedade do espaço pode ter ocasionado ou agravado os problemas de saúde da moradora e seus filhos. Os barracos feitos de madeira e o escasso acesso à água, dificultam as possibilidades de manter uma vida saudável. A má ventilação das moradias, que muitas vezes são invadidas por águas da chuva, levam a graves problemas de respiração. Já a falta de água, resulta em dificuldades de higienização dos alimentos e do próprio corpo, agravando problemas de saúde de forma geral, doenças de pele, entre outros.

Logo no início de seu relato, Iracema conta que, aos quatro anos de idade precisou tirar um rim. Após a difícil estadia no hospital e ainda com a barriga aberta, sua mãe “ficou curando em casa” até cicatrizar, o que a leva a dizer que já nasceu sofrendo. Esse determinismo desde sua infância aparece novamente no discurso da moradora, após contar de quando quase perdeu o pé ao prendê-lo em uma linha de pipa. Iracema diz que:

(...) fui escolhida dentro do ventre da minha mãe. E o inimigo praticamente persegue quem é escolhida. Mas só que do mesmo jeito ele não conseguiu tirar isso, não conseguiu tirar minha vida.

Sendo assim, é possível observar que logo no início de seu discurso, Iracema já conta sobre suas dificuldades em relação a saúde e o atravessamento da religião, isto é, relata sobre o “inimigo”, e como ele possui influência frente aos motivos que a levaram a ter esses problemas médicos.

Já em relação a um de seus filhos, traz o relato de que ele nasceu “sem moleira” e que a recomendação médica era de que, ao perceber que ele estava com dor, Iracema deveria levá-lo a uma consulta, mas que até então, ele correria risco de “vida ou morte”. Segundo a moradora, o médico já havia dito que esta questão de saúde atrapalharia em algo, que ela acredita ser o aprendizado, porém não se recorda com clareza. Hoje, o pai, ex marido de Iracema, é quem detém a guarda deste filho, que se encontra na Bahia. Por

meio de conversas no telefone, essa figura paterna conta a Iracema que o filho é “burro, que não sabe de nada, só sabe brincar”.

Relações pessoais

Quanto às relações pessoais de Iracema, a instabilidade delas se faz presente ao longo de todo seu discurso. A relevância desta categoria para esta pesquisa diz respeito a como estas relações foram responsáveis pela mudança constante de moradia por parte da entrevistada, além de todas estas casas apresentarem grande precariedade e estarem presentes em áreas de risco.

Entre todas as relações conflituosas de Iracema, uma que recebe grande destaque em sua fala é a com seu pai, permeada de diversas situações de abuso. Após as várias situações de assédio, que serão retratadas mais detalhadamente na categoria respectiva. Iracema conta que seu pai volta a procurá-la após alguns anos afastado pedindo seu perdão, pois já havia pedido também, perdão a Deus. A entrevistada relata a insegurança que sentia de estar perto desse pai, responsável por grandes desconfortos em sua vida. Segundo Iracema, a última vez que o viu foi também, a última vez que morou junto com a sua mãe. Durante uma visita dele na casa, a moradora relata ter ouvido algo dizendo para ela ir para debaixo da mesa. Após se esconder, disse que mesmo assim o viu tirando sua própria vida e “dando um tchau, dando risada”.

De forma geral, em ambas as entrevistas com Iracema, antes e após a construção da moradia emergencial, seu discurso aparece de forma desorganizada e um tanto quanto delirante, atravessado por uma forte crença religiosa. Ao falar sobre a morte de seu pai, diz que

(...) não foi ele realmente, foi o próprio inimigo, porque ele mesmo que tirou a própria vida dele, então como a gente fala né da gente mesmo tirar a própria nossa vida, a gente não tem salvação. Infelizmente ele está onde não era para estar né.

Iracema retoma a questão de seu pai para comentar a falta que sente de uma figura paterna presente em sua vida, diz que costuma falar para si própria

(...) 'eu sinto a falta de um pai mesmo', porque eu queria ter um pai, queria tanto mesmo ter um pai, mas infelizmente né, não é todas as pessoas que realmente têm um pai.

Quanto à relação com sua mãe, também foi permeada por grandes conflitos. Iracema diz que já nasceu sofrendo e que sempre foi a mais rejeitada entre todos seus 7 irmãos. Pois, segundo a moradora, ela foi

(...) escolhida dentro do ventre da minha mãe. E o inimigo praticamente persegue quem é escolhida. Mas só que do mesmo jeito ele não conseguiu tirar isso, não conseguiu tirar minha vida.

Sendo assim, se fazem necessárias as perguntas: que lugar Iracema ocupou para essa mãe? Houve um investimento libidinal de afeto no seu nascimento? Com base na relação com a sua mãe, que lugar Iracema pode dar ao seus filhos, no nascimento deles?

Além disso, Iracema relata que ao contarem para sua mãe sobre a situação de abuso vivida em casa, a mesma optou por realizar um exame médico em seus filhos, que muitas vezes acaba por retraumatizar a vítima, para verificar a veracidade dos fatos. Após a constatação positiva, Iracema, junto a sua mãe e seus irmãos, são expulsos da casa de sua avó, mas após um tempo, foi colocada para fora de casa por parte de sua mãe também. Disse que morou na casa de uma mulher, mas em seguida voltou para a moradia materna, da qual foi expulsa pela segunda vez, após a morte de seu pai.

A entrevistada passou então a ficar "morando nas casas dos outros, sofrendo". Relata sobre a dificuldade de permanecer em um lugar físico específico, precisando sempre mudar de habitação, o que a impediu de manter-se em um colégio e se escolarizar. Aos 18 anos, Iracema conseguiu morar de favor, ou seja, poderia morar nesta casa se trabalhasse também no bar da proprietária. Foi nessa situação que conheceu seu primeiro "marido". Apesar de ambos morarem juntos, não há no relato de Iracema nenhum casamento de forma religiosa ou jurídica. Ela conta que usava uma "sainha, que só Jesus", mas que colocava por ser a única roupa que possuía, mas que precisava com frequência subir no banco para pegar coisas no alto. Acredita, que chamou atenção do "menino" por conta de suas "vestes".

Apesar de não se casar oficialmente, foi com este “menino” do bar que Iracema teve seu primeiro filho. Após nem um mês do nascimento deste, Iracema descobriu que seu marido a traía, e logo em seguida, ele disse que iria se separar dela. Após um tempo, Iracema conheceu um homem da Bahia, com quem teve mais um filho. Contou que após separar-se de seu primeiro marido, teve alguns “contritos” com o irmão e para melhorar sua situação, o homem da Bahia a chamou para passar um tempo com ele. Assim, Iracema engravidou novamente, de seu segundo filho, e em seguida, de sua filha Gabriela (nome fictício). Durante a primeira gravidez com esse segundo marido, a entrevistada diz ter sido agredida pelo companheiro, que alegou que o filho não era dele, e sim do ex-marido.

(...) ele sempre rejeitou meu filho dentro da barriga, que é o que está hoje com ele lá na Bahia. Era para estar comigo hoje. Ele sempre rejeitou, falou que o menino não era dele, porque não era dele.

Iracema volta então a morar com o ex-marido, que no momento fazia uso abusivo de drogas. Em seguida, vai morar com a mãe, mas após novos “contritos”, é expulsa novamente, junto com três filhos. Esse conflito, segundo ela, ocorreu por conta de sua religião. A mãe da entrevistada dizia a ela que essa religião era das “trevas”, por isso Iracema deveria sair de casa. Após vagar pelas ruas de São Paulo com os três filhos dentro de um único carrinho de bebê, a moradora encontrou um amigo que a acolheu. Nesta casa seus filhos sofreram de problemas de saúde, e passaram a ter febre e diarreia constante. Segundo ela, a filha deste amigo perguntou “Iracema, porque eles [seus filhos] estão chorando?” e como resposta, ela diz “é porque eles passam fome né fia, não é fácil”. Como tentativa de melhorar a precária situação dos filhos, volta a procurar o seu segundo marido, que exige um DNA para comprovação da paternidade. Após o resultado positivo, em 2012, ele passou a assumir o filho e morar novamente com Iracema.

Em seguida, Iracema volta a morar com o primeiro marido, com quem já possuía dois filhos, e engravidou novamente. Segundo ela, é o menino “mais branquinho, ele é galego”. Após novas brigas se separa e volta com o segundo marido, diz que sua rotina era estar com um ou com outro, que não pensava em outro homem, apenas nesses dois. Nessa última relação com o segundo marido, ambos moraram juntos em Guarulhos, na comunidade Malvinas, local onde a ONG TETO também atua há alguns anos. Lá, Iracema

é abandonada por esse marido, que resolve voltar para a Bahia com seu filho, deixando Iracema sem saber como se sustentar e sustentar sua filha.

Após sair da Malvinas, a entrevistada morou na casa de uma irmã da Igreja, de onde também foi expulsa e volta a morar mais uma vez na rua com Gabriela, única filha que até o momento, permaneceu sob sua guarda. Em seguida, passou a morar na casa de outra irmã. Relata que foi a um CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), que sugeriu para ela ir em uma casa com sua filha, mas que ninguém poderia saber desse lugar. Por medo de perder Gabriela, optou por não ir.

Apesar das situações conflituosas, Iracema diz que ainda sonha em ter um homem, pois

(...) quando a mulher quer conversar, a gente tem o nosso marido, é para isso. Quando a gente quer desabafar, quando a gente tem algo assim, para poder né, soltar para o marido. Se “nóis” tem marido é para isso, mas infelizmente nem todos é assim, nenhum deles me deram o que eu queria.

Saindo da casa dessa irmã, Iracema passou um ano e alguns dias morando na Armênia, bairro de São Paulo, mas a proprietária do local eventualmente pediu a casa de volta e a entrevistada teve que se mudar novamente. Nessa época em que morou na Armênia, Iracema trabalhou em uma firma e conheceu um menino, que só “ficou” um dia, pois, segundo ela, queria ver se amava alguém de novo, após sofrer tanto “na mão de homem” e ser agredida por todos os antigos maridos. Iracema diz que após se relacionar com ele, fez “os esquemas lá que as mulher sabe do chuveiro”, resultando em um grande susto ao perceber que havia engravidado.

Em seguida, Iracema foi demitida da firma. Após brigas judiciais, a moradora conseguiu três mil e quinhentos reais de indenização pela demissão. Com esse dinheiro, a moradora chegou à Kampala e conseguiu um terreno para construir sua casa. Iracema relata que já faz três anos que mora sozinha, e que agora não pretende “arrumar” mais ninguém, que criará seus filhos somente com o “Senhor”.

Situações de abuso sexual

Nessa categoria é possível observar a grande repetição do traumático na vida de Iracema. Inicialmente, a entrevistada relata que com treze para quatorze anos, sofreu “praticamente um abuso” dentro de sua própria casa pelo seu pai, que segundo ela, deveria estar cuidando dela, mas estava “fazendo aquilo que não era para fazer”. Relata não ter paz nem para dormir e nem para tomar banho, mas que após a ajuda de um pai de santo, conseguiu contar para a sua mãe o que estava ocorrendo. Porém, Iracema não disse tudo, segundo ela, além de ficar com vergonha e disse que tem “certas coisas nojentas”.

Novamente a cena de abuso sexual se repete, neste caso, com seu filho. Com apenas um ano de idade, Iracema relata ter visto o seu ex-marido (atual, no momento) abusando do filho. A entrevistada conta sobre como veio em sua cabeça a imagem de seu pai, que fazia o mesmo com ela. Disse que foi junto com a prima de seu ex-marido a delegacia para realizar um boletim de ocorrência, mas relatou que hoje sabe que os policiais disseram que havia sido tudo mentira que ela havia dito.

Em seguida, ao comentar sobre a sua filha, volta a dizer que de todos seus cinco maridos, nenhum respeitou Gabriela. Diz que sonha em ter um marido para conversar, mas infelizmente todos que já teve bateram e a agrediram.

Moradia

Apesar de Iracema relatar coisas diretamente ligadas a moradia como espaço físico, muitos de seus relatos em outras categorias são fortemente atravessados pela questão do habitar. Devido as instabilidades de laços sociais, Iracema viveu uma errância por anos de sua vida, passando de casa em casa, sem obter endereço físico, o que impossibilitou seus estudos.

(...) parece que eu ia só morando, não dava certo com um, ia para casa do outro. Arrumava escola, aí não conseguia terminar meus estudos porque ia para casa de outro. Minha rotina era essa de criança. Ficava nas casas para “mim” não ficar na rua.

Devido às situações de abuso sexual e agressões, sua casa nunca se apresentou como um lugar seguro e de acolhimento. Por conta a precariedade do espaço, houve um agravamento de seus problemas de saúde e futuramente, de seus filhos.

Iracema, conta também de algumas passagens pela rua. Após ser expulsa da casa de sua mãe, coloca seus três filhos em um único carrinho de bebê e sai pela rua chorando, sem rumo, até achar um lugar para ficar. Quanto à precariedade dos lugares, ficou explícito quando a entrevistada relata sobre um amigo que a colocou em um lugar para morar, mas por conta disso seus filhos tiveram problemas de saúde, ficaram com sintomas de vômito, diarreia e febre.

Iracema conseguiu novamente abrigo na casa de seu ex-marido somente após ter comprovado, por exame de DNA, que ele era responsável pela paternidade de seu filho. Até então, é possível perceber que ela não possuiu nenhuma casa própria, tendo que migrar a todo momento de casa em casa, dependendo da colaboração de seus conhecidos e familiares para abrigá-la, junto aos seus filhos. Em seguida, morou na casa de uma irmã da igreja, onde passou “o pão que o diabo amassou”, até ser expulsa dessa casa, e ir parar na rua pela segunda vez, até ser novamente abrigada por uma outra irmã. Iracema buscou ajuda no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), mas disse que a opção que lhe deram era morar em uma casa com sua filha, porém ninguém poderia saber disso, desconfiada, optou por não aceitar.

Em seguida, após morar no Brás (bairro de São Paulo) e na Armênia, Iracema chegou ao bairro da Penha, para morar na Kampala, onde já faz três anos que permanece apenas com seus filhos. A moradora apresenta grande ambivalência sobre o sonho de dividir sua moradia com um outro homem; em alguns momentos, relata preferir continuar sozinha e que não pretende arrumar ninguém, em outros momentos diz que:

Ainda tenho um sonho, para dizer que eu não tenho, claro, eu não queria assim, um tempo atrás eu não tinha mais o sonho para casar mesmo, porque no meu tempo de quinze anos eu já sonhava com isso, casar de véu e grinalda, vestido branco, mas infelizmente o inimigo tinha destruído isso de mim.

Para referir-se sobre sua casa atual, a entrevistada utiliza o termo “celeiro”, e diz que lá tem apenas um pouco de arroz. Conta que em um primeiro momento, quando o TETO

iniciou o trabalho na comunidade para a primeira construção de casas de 2018, não foi selecionada para ser uma das moradoras a participar da construção. No segundo semestre, ao iniciar os preparativos para uma segunda construção, a moradora relata já ter logo começado a conversar com Deus e que a pastora foi em sua casa para “fazer campanha”, para ela ser uma das selecionadas. Ao descobrir que seria uma das famílias que participariam do processo de construção, relatou grande felicidade pois diz que está cansada de ver os bichos dentro de sua casa que destroem as roupas de sua filha. Relatou a constante e intensa presença de bichos, inclusive em cima de sua cama, até mesmo, disse apontando para o pescoço, que “teve um que já ‘coisou’ aqui e mim”. A presença dos bichos é um dos fatores que atrapalhavam sono de Iracema, que diz que muitas vezes já ficou paralisada, com medo e não conseguia dormir.

Contou que fica imaginando como será a casa pronta, se será “que nem casa de boneca”, como conseguirá colocar cortina e outros detalhes que ela tem vontade. Diz que o principal motivo para estar fazendo isso, são os filhos. Gabriela diz que sempre quis ter um quarto, mas que por enquanto, o que Iracema diz poder dar é a casinha do TETO. De acordo com a moradora, sua filha Gabriela assiste com frequência na televisão programas de reforma nas casas e nos quartos e segundo Iracema, ela diz que queria muito isso para a sua família. Iracema diz que Gabriela também sempre comenta o quanto quer vê-la feliz e se casando. Em contrapartida, a moradora, apesar de ter comentado no início da entrevista sobre seu sonho de se casar, diz que comenta para Deus que não está preparada para “receber nem varão ainda”, que só Deus conseguiria trabalhar em seu coração para ela amar alguém de novo, pois acredita que há apenas um amor na vida e ela já vivenciou o seu.

Em relação à comunidade onde mora, a Kampala, relata que as pessoas gostam de falar da vida dos outros

(...) ou falar que essa daí não é nada, ou chamar as pessoas para ir para igreja, mas se meu chamado na Terra é para ganhar alma, eu ganho alma, infelizmente o mundo não olha para o outro lado, ele olha pelas paredes. Muitos só sabem falar e ficar apontando, e ajudar ninguém ajuda, eu dependo somente mesmo do Senhor, entendeu? Então hoje eu falo, hoje eu sou feliz.

Devido ao tamanho de seu terreno, a moradora disse que foi difícil pensar em como planejar a casa do TETO e que precisou pegar dez centímetros do terreno vizinho, mas para isso contou muito com a ajuda dos voluntários. Mesmo assim, o tamanho da casa precisou ser a pequena, mas para Iracema isso não importa, segundo ela, só pensa em quando não terá mais bichos na sua casa. Ela relata a dificuldade de sair da cama na madrugada para conversar com Deus, por medo dos bichos no chão, como ratos e baratas, por isso aguarda ansiosamente pela nova moradia.

Iracema diz que dali só sai quando Deus a tirar e que crê que Deus tem algo maior guardado para ela. Além disso, relata que o vento é um fator prejudicial para sua moradia atual. Por ser feita de madeirites e telhas soltas, tanto o vento, quanto a chuva, entram dentro de sua casa com facilidade. Sobre os problemas dessa moradia, diz que é “engraçado”, porque “quando não é uma coisa é outra”, por isso está entusiasmada com a nova habitação, pois prefere ter uma “casinha do que um casarão enorme”.

Religião

Já a religião, é de longe o assunto mais falado por Iracema, pois o utiliza para se referir a qualquer outro assunto. De forma geral, todas as outras categorias, saúde, situações de abuso sexual, relações afetivas e moradia, são fortemente atravessadas pelo que Iracema considera o desejo de Deus.

A religião aparece pela primeira vez em seu relato, ao contar sobre o abuso sexual que sofria pelo seu pai, que foi descoberto por um pai de santo, que diz ter visto o que ocorria ao “jogar nos búzios” e em seguida, auxiliou Iracema a contar para sua mãe o que estava acontecendo. Segundo a moradora, sua mãe nunca foi evangélica, apenas uma irmã e ela. Em um segundo momento, mas também na interface das relações familiares, a religião aparece novamente na morte de seu pai, justificando como culpa do “inimigo”.

Além de Deus, o “inimigo” também é bem presente na vida de Iracema, dizendo que o mesmo a escolheu desde o ventre de sua mãe e a perseguiu. Além de ser o responsável pelo suicídio de seu pai e destruir seu sonho de casar-se pois, segundo ela, “o inimigo entra bem para destruir. Entra para totalmente derrotar a família.”

Já Deus aparece como uma figura positiva e de grande auxílio. Iracema diz que não recebe pensão e depende apenas do Senhor para sustentar sua filha e ela, que “Deus

nunca desampara a gente, então Deus está sempre aqui comigo”. Após essa grande sequência de abandonos, desde a expulsão da casa de sua avó, de sua mãe, de todas as outras moradias pelas quais passou, pelos seus dois maridos e da guarda de seus filhos, Iracema deixa claro como a religião foi a única forma de ter algo sempre presente em sua vida, Deus. Conta sobre sua vontade constante de ter seus filhos de volta, e que sempre pede isso a Deus, mas sabe que para isso precisa “melhorar de vida”. Iracema diz que

(...) eu estou praticamente só em Deus né, porque eu creio em Deus. Aí eu peguei e tá, eles estão lá e eu estou aqui, mas pra eu chegar aqui eu morei na casa de mais gente com a minha filha, sofri de novo. Eu estando na presença de Deus, eu sofri.

Outro ponto de grande importância em que surge novamente o atravessamento religioso, trata-se da agressão sofrida de todos seus maridos, pois diz que sua história é igual a uma que está na bíblia, sobre uma mulher que possuiu cinco maridos. De forma geral, a moradora relata que todas as suas dificuldades ela “põe na mão de Deus”, e que assim tudo irá se resolver.

Atualmente, Iracema não trabalha, segundo ela, depende de “Deus” e do “Bolsa família”, as vezes pede vinte reais para as irmãs da Igreja, quando há atraso na data de receber o auxílio do governo. Diz que não pretende trabalhar com carteira assinada, pois já foi “machucada” pelo “povo do serviço” duas vezes, além de não confiar em ninguém para cuidar dos seus filhos ao longo da jornada de trabalho, devido aos longos históricos de abuso. Sua vontade consiste em abrir um negócio próprio, que dependa apenas dela e que permita um horário flexível, além de poder trabalhar em casa.

Quanto à sua casa, a chama de “celeiro”, e diz que possui apenas um pouco de arroz, mas que Deus a impede de se abater, que apesar de doer, é “só ir entregando na mão de Deus”, afinal não há nada mais importante na sua vida, do que ele. Diz que apesar de não ter nada, há uma coisa que ela pode ter, o “Espírito Santo”, assim é possível receber a paz de Deus. Conta que Gabriela sonha em ter um tablet e diz que o sonho dos filhos é dela também, mas que está “tudo na mão de Deus”. Seu principal sonho é se casar, apesar de em alguns momentos negar esse desejo, e não importa o tempo que demorar para isso acontecer de novo, pois Deus é quem determinará esse tempo. Relata a vontade de poder

proporcionar aos filhos o que ela não teve, além de conseguir trazer os que estão longe de volta.

Sobre a presença do TETO na comunidade, diz que não ter sido selecionada para ganhar a moradia na primeira vez foi “Deus a testando”. Já na segunda vez, disse que logo começou a conversar com o Senhor e foi uma pastora na sua casa para fazer “campanha”, resultando em ser uma das pessoas selecionadas.

Iracema encerra a entrevista ao voltar a falar sobre seus filhos. Diz que ambos foram presente de Deus, mas que o seu menino em especial é muito inteligente. Diz que “ele é tudo, primeiro Deus, depois ele”. Relata que ele vai aprender a ler rápido, pois sempre pega a bíblia e finge estar lendo. Além disso, Iracema conta que ele vai ser o “homem da casa”.

Segunda entrevista:

Questões de saúde

Na segunda entrevista, questões relacionadas a saúde não estão presentes no relato da moradora.

Relações pessoais

No que diz respeito às relações pessoais, pouco aparece no discurso de Iracema após a construção. A entrevistada apenas conta que continua com o sonho de todos seus filhos voltarem a morar com ela, mas que para isso precisará de uma casa maior. Mas que por enquanto, ficará ela e a filha, e já está ótimo. Iracema diz também que tem vontade de viajar e sair um pouco de São Paulo, mas só futuramente.

Situações de abuso sexual

Assim como as categorias anteriores, os relatos de abuso sexuais, seja com ela ou com os filhos, estão presentes apenas na primeira entrevista.

Moradia

Iracema conta que está muito feliz com sua nova casa, que dorme em paz “graças a Deus”. A moradora relata que atualmente tem escutado os bichos tentando entrar em sua casa, mas que agora não conseguem mais. Diz que o único problema é que tem acordado

às cinco da manhã, mas não sabe o porquê disso. Mas relata positivamente que agora consegue “descer nas madrugadas” para falar com Deus.

Em relação a Kampala, Iracema diz que, assim como na maioria das comunidades em que já viveu, não há grande união das pessoas, muitas procuram mandar na sua casa e brigam com todos. A moradora diz que já pediu para Deus afastar essas pessoas de perto dela, pois prefere ficar sozinha, com seus filhos.

Iracema disse que construir sua casa em conjunto com os voluntários foi “bem divertido”, pois pode ver que todos fizeram a casa “com carinho, com amor”. Além do cuidado com a casa, mostraram-se muito cuidadosos com seus filhos e disse que agora todos são como família para ela. Quanto a sua permanência na comunidade, disse novamente que só sai quando Deus a tirar de lá, mas que não ficará lá de forma permanente, apesar de não ter previsão de sair, considera sua casa como uma “porta de escape”. Iracema também conta rapidamente sobre a dificuldade do banheiro nessa nova moradia, cuja responsabilidade de construí-lo é do morador e não da ONG TETO, por questões jurídicas. Relatou que, por não ter piso, ao dar banho nos seus filhos eles acabam se sujando ainda mais por conta da lama, que se forma a partir do contato da água com o solo.

A entrevista finaliza com Iracema contando sua esperança de que, depois da casa nova, crê que Deus vai dar mais coisas a ela, pois ainda há muitas “bênçãos de Deus para entregar na mão da gente”. Mas que para isso, ela precisa não ser mais ingrata e agradecer a ele, pois ele vem em primeiro lugar. Além disso, diz que agradece a todos os voluntários do TETO e que sabe que Deus está observando tudo e que todos colherão bons frutos no futuro.

Religião

Nessa segunda entrevista, a relação de Iracema com Deus está ainda mais presente. Iracema, começa a falar sobre esta temática dizendo que, em relação às suas dificuldades da vida, ainda crê em Deus que vai melhorar, pois tudo depende do tempo dele. Iracema relata que apenas Deus sabe se ela é merecedora ou não, mas que sempre está buscando-o e que hoje, só está onde está por conta dele.

Iracema segue seu relato dizendo que, apesar de todos os ganhos positivos da casa do TETO, ela havia “provocado a ira de Deus”. Contou que por ser “obreira”, ou seja, a pessoa responsável por ficar na porta da igreja fazendo orações e “pedindo a Deus livramento para todos”, não poderia sair mais cedo do culto, como fez no domingo da construção. A ONG exige uma participação ativa dos moradores e para a construção acontecer, Iracema precisa estar junto com a equipe de voluntários ao longo do sábado e domingo, construindo a casa em conjunto. No último dia do evento, optou por ir ao culto na parte da manhã, mas avisou a pastora que sairia dez minutos mais cedo para voltar para construção de sua casa, porém, disse que ficou sabendo pela própria pastora que essa sua atitude mexeu com a “ira de Deus”. Iracema conta que foi Deus quem lhe deu a casa, então ela deveria ficar no culto o tempo inteiro agradecendo a ele. Disse que estava pedindo desculpas a Deus agora e que provocou a ira “sem saber, imagine se fosse a casa maior, ou uma casa com dois andar”. Iracema relatou que ao olhar a casa do TETO agora chorava, pois se não fosse Deus não teria a casa, e que agora havia muita tristeza dentro dela.

Em seguida, Iracema pediu para parar de gravar a entrevista, pois não gostaria de ter isso registrado e continuou contando sobre sua relação conflituosa com a pastora e com Deus após o evento, se mostrando alguém culpada, envergonhada e em grande sofrimento. Disse que isso será uma marca para ela, mas que estamos no mundo para aprender, e essa será uma lição. Iracema conta que não se sente merecedora de nada que Deus lhe dá, principalmente depois de ter “machucado” tanto ele. Em sua conversa com a pastora, esta lhe disse que chegou a sonhar com Iracema cercada por vômito, o que expressava como Deus estava se sentindo em relação a ela.

DISCUSSÃO

Logo no início do contato com Iracema, foi possível perceber como a presença do TETO na comunidade Kampala, somado à troca de conversas entre os moradores do local e voluntários ali presentes, podem ter como resultado um efeito de testemunho, pois permite que aquele morador saia da posição de invisibilidade e exclusão e possa falar e ser ouvido ao contar sua história e apropriar-se dela. Iracema reafirma essa hipótese de testemunho pois, em primeiro lugar, ao assinar o termo de consentimento e receber a sua via, mostrou-se muito entusiasmada, dizendo que iria plastificá-lo para poder colocar em sua parede, igual se coloca um quadro. Em seguida, logo ao começar a entrevista, a primeira coisa dita pela moradora foi seu nome completo, “Sou Iracema...”, afirmando a importância de poder contar sua história para alguém que irá escutá-la e testemunhá-la.

De forma geral, em ambas as entrevistas, Iracema apresenta um discurso desorganizado e um tanto quanto delirante, com um forte atravessamento da religião, em que apresenta as dificuldades de sua vida permeadas pelas relações familiares conflituosas, pelas condições precárias dos diversos locais em que viveu e pela dificuldade de sustento próprio e dos filhos. Na primeira entrevista, o destaque principal foi em sua história de vida, as dificuldades familiares, de saúde e a instabilidade de um lugar para morar, que possuem uma interface da religião evangélica, ou seja, nota-se que como consequência dos problemas de saúde, das relações instáveis familiares, e das condições precárias de moradia, isto é, as outras respectivas categoriais, estão presentes auxílios ou punições de Deus na sua vida. Para mudar essas situações, segundo Iracema, basta orar e acreditar em Deus.

Pensando na formação inconsciente a partir do Outro e na cadeia de significantes que surgem da inserção e alienação do sujeito na linguagem, nota-se algumas frases de Iracema, em que a presença de um determinismo é explícita. Ao dizer que foi escolhida pelo inimigo desde o ventre de sua mãe ou que sempre foi a mais excluída de seus irmãos, pode-se pensar que exclusão, escolha e inimigo são significantes centrais na vida.

Outro ponto essencial, trata-se de observar como Iracema atribui os papéis de Deus e do inimigo como um direcionador para todas as outras categorias de sua entrevista, pode-se concluir que a moradora responsabiliza essas figuras divinas por todos os acontecimentos de sua vida, sejam eles positivos ou negativos. Na categoria sobre

questões de saúde, nota-se que a moradora justificou suas doenças, como a perda de um rim e o acidente com a pipa, por ter sido escolhida pelo inimigo desde o ventre de sua mãe. No que diz respeito às relações pessoais, volta a falar sobre o inimigo, responsabilizando-o pelo suicídio de seu pai. Já sobre a moradia, a religião aparece de forma positiva, com um Deus que a presenteou com uma nova casa. Em contrapartida, foi esse mesmo Deus que, segundo ela, a testou na primeira ida do TETO à comunidade, não selecionando-a como uma das moradoras que participaria da construção. Sendo assim, fica explícito que esse Deus da bondade é também um Deus julgador, que “presenteia” seus fiéis apenas se eles forem “merecedores”. Dessa forma, percebe-se que Iracema se encontra presa dentro de uma esfera meritocrática, cuja regra para merecer algo, depende unicamente da religião, negligenciando a existência de qualquer direito como universal aos seres humanos. Fica evidente esta problemática em Iracema, quando a mesma diz sobre a culpa que sentiu de não agradecer a Deus por uma casa pequena e se fosse uma de dois andares seria ainda pior, mostrando como não se sente merecedora de nada.

Olhando de forma ampla para essa relação com a religião evangélica, nota-se que a entrevistada apresenta um forte assujeitamento, ou seja, Iracema sai da posição de sujeito, isto é, de alguém que deseja, para não se ver como autônoma de sua própria vida, acredita que todos os seus ganhos foram presentes de Deus e as perdas, algum “castigo” divino por não ser merecedora. Segundo Freud (2010), em *Totem e Tabu*, a forte vinculação a uma crença religiosa pode ocorrer frente a uma tentativa de suprir o desamparo infantil, em que Deus se apresenta como uma possibilidade de substituição da figura do pai ausente. No caso de Iracema, é possível pensar nessa hipótese frente ao seu grande desamparo paterno. Apesar de todas as situações de abuso vividas, a moradora relata:

Eu assim, eu sempre pensei assim e sempre falei ‘eu sinto a falta de um pai mesmo’, porque eu queria ter um pai, queria tanto mesmo ter um pai, mas infelizmente né, não é todas as pessoas que realmente têm um pai.

Essa relação conflituosa de Iracema com seu pai ressoa em todas suas relações posteriores. Quanto aos homens com quem se relacionou afetivamente, todos os cinco a agrediram ou abusaram de seus filhos, apresentando uma repetição ou rememoração dos fatos. Iracema percebe a semelhança das situações quando diz que, ao ver seu filho sendo abusado por seu marido, foi como se tivesse visto novamente o que seu pai fazia com ela.

No que diz respeito a pensar sobre um novo marido, Iracema apresenta uma forte ambivalência, em que ao longo das entrevistas retoma várias vezes o fato de que ainda sonha em casar-se, porém em outros momentos diz que apenas Deus poderia fazê-la amar alguém novamente, pois não está preparada para “receber nem varão” neste momento. Esse desejo ambivalente da moradora por casar-se novamente, deixa explícita sua busca por completude em outro alguém, um homem que a escute. Além de ficar implícito o papel social do marido de auxiliar no sustento financeira da casa, que ela tem dificuldades de bancar sozinha.

Retomando à revisão bibliográfica, essa presença constante de abusos sexuais na vida de Iracema, transpassada para a vida de seus filhos, mostra a falta de elaboração que retoma o traumático por meio de repetições. Dessa forma, Iracema está em um looping de relações permeadas por vivências de abuso sexual. Mais focado na figura paterna, o traumático dessa relação se apresenta na dificuldade da moradora de contar sobre o assunto e a falta de inscrição no simbólico pela não nomeação dos acontecimentos, dizendo que “foi um ato que aconteceu assim dentro de casa. Com um pai, um caso praticamente de abuso né”. O relato vem junto com a grande demonstração de sofrimento, somando uma mãe ausente e um pai, que como disse a moradora, “estava fazendo praticamente o que não era pra fazer”.

Retomando novamente as divisões categóricas, se faz necessário ressaltar que a história de vida de Iracema, que inclui suas questões de saúde, relações pessoais, situações de abuso sexual e a crença religiosa, é essencial para sua compreensão do habitar e de como a casa se faz presente em sua vida. Ao analisar a mudança de discurso de Iracema em cada um dos encontros, nota-se que, na categoria sobre os problemas de saúde, apesar de não estar diretamente presente na segunda entrevista, está presente de forma indireta, já que a constituição física da casa do TETO pode auxiliar no bem-estar de sua família. Por ser elevada em relação ao solo, evita a entrada de água por meio das enchentes e presença de animais transmissores de doenças, como ratos. Quanto ao telhado, impede a entrada de água da chuva, que somado à presença de janelas, melhora a ventilação da casa, evitando mofo e proliferação de fungos. Pensando na higiene como fundamental para evitar problemas de saúde, apesar de todas as vantagens descritas anteriormente, Iracema relata também a dificuldade de não possuir um banheiro e como

isso resulta, ao dar banho nos seus filhos, em quando a água entra em contato com o solo terroso, acaba por formar uma lama que os suja mais do que limpa.

Sobre a categoria “relações pessoais” e “situações de abuso sexual”, ou melhor, a falta delas na segunda entrevista, pode-se pensar que, por já ter contado sua história de vida em um primeiro momento, Iracema não vê necessidade de retomar seu relato. Outra hipótese que pode ser levantada, é que junto com a desconstrução da casa anterior, a moradora entende que seus problemas conflituosos também foram embora, assim como sua casa antiga. Neste caso, a casa nova inaugura, também, uma nova vida, com a ressalva de permanecer no interior da mesma comunidade e do mesmo terreno que a anterior, mantendo assim, por mais que a moradora não deseje, os traços difíceis e inconscientes, muitas vezes não elaborados, de toda sua história.

Outro fator implícito no discurso de Iracema, é que suas relações interpessoais são apenas com a família ou com os ex-maridos, com quem não possui mais contato; dessa forma, nota-se também, que a ausência de relações pessoais na segunda entrevista, está associada também com o fato de elas pouco estarem presentes na vida de Iracema. Somente pela relação com a igreja, a moradora comenta sobre algumas “irmãs”, com as quais não parece ter proximidade afetiva, tornando o contato com seus dois filhos que moram com ela, a única forma de ter trocas afetuosas.

Quanto à categoria moradia, ou como Iracema se refere na primeira entrevista, seu “celeiro”, coloca grandes expectativas para a construção, dizendo que imagina uma “casinha de boneca” e uma melhora na quantidade de bichos que conseguem adentrar em sua casa. Quanto ao tamanho, parece já compreender que será uma casa pequena, mas diz estar contente com isso, pois prefere uma “casinha do que um casarão enorme”. Esta relação de desejo por uma casa pequena, além de ser a única possibilidade para Iracema, nota-se ao longa da entrevista que possui uma forte relação com a religião. Iracema não vê o habitar como um direito, e sim como um mérito, dessa forma, não se sente merecedora frente a Deus para possuir uma casa maior.

Na segunda entrevista, parece que as expectativas de Iracema em relação à casa foram alcançadas, dizendo estar muito contente com a nova moradia e apesar de ouvir os bichos arranhando as paredes, agora eles não conseguem mais entrar. Quanto à sua relação com a comunidade, continua relatando a falta de união entre a população local. Já

em relação a ter construído a sua nova moradia junto aos voluntários do TETO, diz ter sido muito divertido e os coloca no lugar de uma nova família, mostrando como a falta de relações pessoais existentes em sua vida atual, acaba sendo suprida pela presença dos voluntários, que se apresentam disponíveis para uma troca carinhosa ao longo do final de semana da construção, tanto com Iracema, quanto com seus filhos. Em contrapartida, permanece incerto se essa relação por parte dos voluntários, por mais que intensa, terá alguma continuidade.

Por fim, sobre a última categoria, “religião”, sua presença é intensa em ambas as entrevistas. A principal mudança no discurso se apresenta na relação de Iracema com Deus após a construção da casa. No segundo encontro, a moradora relata com grande sofrimento como ter ganhado a casa foi responsável por ela ter mexido com a ira dele. Apesar de ter sido um presente de Deus, Iracema se culpa por não ter ficado até o final do culto, unicamente agradecendo a ele, ao em vez de participar ativamente da construção de sua casa junto aos voluntários da ONG. Nota-se que isso se torna importante para Iracema, pois a pastora da igreja, figura a qual apresenta maior proximidade com Deus, é quem relata para a moradora que ela havia mexido com a ira do Senhor. Fica presente o questionamento se isso viria à tona para Iracema, caso a pastora não a tivesse “alertado” sobre a ira de Deus. Segundo a entrevista, a pastora diz ter sonhado - o que ela considera uma manifestação divina - com a entrevistada rodeada de vômitos. Pensando no simbolismo religioso presente, é possível associar o ato de vomitar com os rituais de exorcismo, ou seja, Iracema, por ter ido embora mais cedo do culto, agora está “possuída pelo inimigo”. Afinal, como ela havia relatado na entrevista, foi escolhida por ele desde dentro do “ventre da mãe”. Tal situação é responsável por grande parte do sofrimento de Iracema, que mostra uma falta de compreensão de si mesma ao dizer que apesar de estar muito feliz com a nova casa, está acordando às cinco da manhã, sem saber o porquê disso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as vantagens da nova casa do TETO, principalmente no que diz respeito ao espaço físico da habitação, percebe-se que o atravessamento da religião na vida de Iracema, tornou o impacto da construção da moradia emergencial fruto de grande sofrimento. Ao mexer com a ira de Deus, Iracema retoma novamente a posição de assujeitamento e de não ser merecedora de uma nova habitação, cuja conquista diz respeito unicamente a ela e seu comprometimento com a ONG, mas ter a casa como uma oferenda divina a impediu de estar totalmente presente tanto nas etapas de construção, quanto na igreja, resultando em grande contradição.

Como condição para a participação da construção de moradias, a ONG TETO exige que o morador esteja presente ativamente no processo de construção ao longo do fim de semana, mas por ser um presente de Deus, a igreja, em contrapartida, exige que a moradora esteja presente ativamente no culto durante o fim de semana, colocando Iracema em uma situação conflituosa e sem uma perspectiva positiva de saída. Apesar de sua tentativa de resolução de conflito, chegar mais tarde na construção apenas no domingo, e sair mais cedo do culto, foi o suficiente para “não ter agradado a Deus”, ou melhor, a pastora.

Além disso, fica explícito ao longo do discurso da moradora a falta de políticas públicas, tanto no âmbito da saúde, quanto da assistência social, que poderiam ser meios para conseguir uma condição de vida menos vulnerável, resumindo sua relação com o Estado apenas no auxílio do bolsa família. Sendo assim, é notável a diferença entre a presença da ONG e dos movimentos sociais, descrito nos capítulos anteriores. O TETO, apesar de tentar suprir uma falta do Estado por meio de sua atuação em locais de invisibilidade e exclusão, possui como modelo de trabalho uma solução rápida e emergencial para melhorar a qualidade de vida do sujeito que habita a favela e sobrevive diariamente na posição de exclusão social. Porém, diferente dos movimentos sociais, a intervenção da ONG não visa a “politização social”, nem auxiliar a comunidade na formação e luta por direitos. Iracema apresenta em seu relato a falta de conhecimento completo sobre políticas públicas, direitos sociais e de como consegui-los, algo que permanece imutável em seu discurso, independente da presença do TETO na Kampala. A visão da moradora

sobre a moradia, permanece como um presente de Deus, e se distancia cada vez mais de uma luta social por algo no qual possui o direito de habitar.

Dessa forma, é possível concluir que o impacto da construção da moradia emergencial em Iracema, apesar de ter como consequência uma melhora de seu espaço físico, também resultou em um conflito com a pastora de sua igreja e mais acima disso, com Deus, cuja moradora considera a coisa mais importante de sua vida. De forma geral, apesar das tentativas da ONG de não possuir uma postura assistencialista, ao não colocar a moradia na posição de um direito, manteve para Iracema a nova casa como um presente, não da ONG e sim de Deus.

Nesta pesquisa, partiu-se do pressuposto de que no Brasil, devido a um longo processo de favelização e falta de políticas públicas eficazes para suprir essa necessidade, a moradia, ou a precariedade dela, permanece como um problema social que precisa urgentemente sair da invisibilidade. Dessa forma, existem alguns meios que atuam diretamente nas situações de vulnerabilidade social com este foco. Entre eles, estão os movimentos sociais de luta por moradia e as ONGs, que visam garantir o direito a moradia para a população. Após analisar o processo da construção da moradia emergencial de Iracema, moradora do bairro da Penha, na comunidade Kampala, em São Paulo, foi possível perceber que, apesar da presença da ONG, sua atuação não é, nem de longe, o suficiente para solucionar ou minimizar o déficit habitacional.

O TETO funciona como uma solução emergencial, em que o modelo de atuação pode ser comparado com de políticas públicas de habitação no Brasil, principalmente no que diz respeito a falta de pensar no sujeito como um ser de direitos, colocando a moradia como um presente, da ONG, do Estado, ou como no caso de Iracema, de Deus. Sendo assim, esse modelo de trabalho que exclui o sujeito nos aspectos políticos e psíquicos, acaba gerando apenas uma satisfação imediata, sem pensar na moradia como um direito e em todos os atravessamentos que isto pode ter como consequência neste sujeito.

Dessa forma, é necessário pensar em como as ONGs e políticas públicas podem atuar para incluir em seus projetos o morador como um sujeito de desejos, ou seja, incluir esse sujeito em seus diversos modos de atuação. É possível que incluir a atuação do psicólogo nesses serviços possa ser eficaz para implicar o indivíduo no âmbito político e psíquico e auxiliar na construção da moradia como um direito a todos, ou seja, atuar no

resgate e ancoragens do sujeito como um ser desejante, que por meio da sua autonomia, pode passar a lutar e reivindicar por aquilo que lhe faz falta. Logo, pensar além da moradia física, mas também no aspectos psíquicos ao seu redor, resulta em um retirar o sujeito da posição de “gostaria de ter uma casa” e lhe permite lutar pelos seus direitos frente ao Estado.

No sentido político, as lutas dos movimentos sociais já atuam com força e deixam seus rastros positivos no psiquismo. Segundo Boulos (2016), a participação nas ocupações dos sem-teto, em que os sujeitos se implicam politicamente na luta por moradia, possui uma influência relevante na redução de sintomas depressivos e ansiosos nos participantes. Sendo assim, nota-se como pensar no sujeito de direitos implica também em pensar nos aspectos psíquicos e, mais do que isso, como incluí-los no processo de políticas públicas e nas ações sociais de organizações não governamentais pode resultar em uma melhora na saúde mental da população em exclusão, que pode passar para a posição de ser desejante, que lhe permite ir atrás do que falta.

Retomando Iracema, é essencial pensar na religião, assim como em grande parte dos moradores de favelas no Brasil e seus atravessamentos que foram imprescindíveis para pensar na habitação e no modelo de trabalho do TETO, que resultou em uma compreensão da problemática do habitar que não é vista como um direito. Sendo assim, a partir da concepção de moradia como um presente, consequência do modelo de trabalho do TETO e da falta de engajamento político, pode-se pensar: quais poderão ser os outros atravessamentos possíveis que influenciam na compreensão da habitação em outros sujeitos e como a psicologia pode se posicionar frente a isto?

REFERÊNCIAS

ABONG. *Quem somos*. Disponível em: <<http://abong.org.br/quem-somos/>> acesso em: 09 jan. 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de. Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 175-178, jun. 1999.

BONDUKI, Nabil. Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula. *Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n.1, p.70–104, 2008.

BOULOS, Guilherme Castro. *Por que ocupamos? Uma introdução à luta dos sem-teto*. 2. ed. São Paulo: Scortecci, 2014.

BOULOS, Guilherme Castro. *Estudo sobre a variação de sintomas depressivos relacionados à participação coletiva em ocupações de sem-teto em São Paulo*. São Paulo, 2016. 112 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

BRASIL. Constituição (1988). *Emenda Constitucional nº 26, de 14 de fevereiro de 2000*. Altera a redação do art. 6º da Constituição Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc26.htm>. Acesso em: 08 ago. 2018.

BRASIL. IBGE. *Censo Demográfico*. 2010. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000006960012162011001721999177.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

BRASIL. Lei n. 4.380, de 21 de ago. de 1964. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4380.htm>. Acesso em: 25 mai. 2019.

BRASIL. Lei n. 10.256, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm>. Acesso em: 08 jan. 2019.

BRASIL; Tribunal de Contas da União; Secretaria de Fiscalização; Avaliação de Programas de Governo. *Avaliação do TCU sobre o Programa sobre o Morar Melhor*. Brasília: TCU, 2004.

BRASIL; Ministério do Planejamento; Orçamento e Gestão; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; Diretoria de Pesquisas; Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Pesquisa de Informações Básicas Municipais: Perfil dos Municípios Brasileiros: 2011*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/devie/Downloads/munic2011%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/devie/Downloads/munic2011%20(2).pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2018.

BRASIL; Ministério das Cidades. *Política Nacional de Habitação*. Brasília, DF, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/images/stories/ArquivosSNH/ArquivosPDF/4PoliticaNacionalHabitacao.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

BRASIL. *Plano Nacional de Habitação*. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.urbanismo.mppr.mp.br/arquivos/File/Habitacao/Material_de_Apoio/PLANONACIONALDEHABITAO.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2018.

BRASIL; Ministério das Cidades; Secretaria Nacional de Habitação. *Guia para o Mapeamento e Caracterização de Assentamentos Precários*. Brasília: MCidades, 2010.

BRASIL; Ministério das Cidades; Secretaria Nacional de Habitação. *Urbanização de Favelas: a experiência do PAC*. Brasília, 2010.

BRASIL, Ministério das Cidades. *O Ministério*. Jul. 2015. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/index.php/institucional/o-ministerio>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BRASIL. *Financiamento Habitacional*. dez. 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2009/11/financiamento-habitacional>>. Acesso em: 02 dez 2018.

BROIDE, Jorge. Adolescência e violência: criação de dispositivos clínicos no território conflagrado das periferias. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 95-106, jan. 2010.

BROIDE, Jorge; BROIDE, Emília. *A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2016.

CARMO, Edgar Candido do. *A política habitacional no Brasil pós Plano Real (1995-2002): diretrizes, princípios, produção e financiamento: uma análise centrada na atuação da Caixa Econômica Federal*. Campinas, 2006. 191 p. Tese de Doutorado - Instituto de Economia da UNICAMP.

CATROLI, Viviani S. C.; ROSA, Miriam Debieux. O laço social na adolescência: a violência como ficção de uma vida desqualificada. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 297-317, mai./ago. 2013.

CISCATI, RAFAEL; et al. São Paulo já tem mais de 150 movimentos de luta por moradia; entenda como eles funcionam. *O Globo*. Rio de Janeiro, mai. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/sao-paulo-ja-tem-mais-de-150-movimentos-de-luta-por-moradia-entenda-como-eles-funcionam-22658189>>. Acesso em 14 jan. 2019.

COSTA, Alice Moreira da; PACHECO, Maria Luiza Leal; PERRONE, Cláudia Maria. Intervenções na emergência: a escuta psicanalítica pós-desastre na boate Kiss. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 155-165, abr. 2016.

COSTA, Ana Maria Aranha Magalhães; SILVA, Kátia Silveira da; BONAN, Cláudia. Organizações Não Governamentais na área da Saúde da Criança - revisão da literatura. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3181-3196, jul. 2011.

FERREIRA, Alvaro. Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. 14, n. 828, jun. 2009.

FRANCO, Renato Ferreira; VAN STRALEN, Cornelis Johannes. O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade. *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 402-419, dez. 2012.

FREUD, Sigmund (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI, p. 15-44. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. 8. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2016.

FREUD, Sigmund (1913). Totem e tabu. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol 11, p. 13-244. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUKS, Mario Pablo. Trauma e dessubjetivação. In: EVENTO HERANÇA E TRANSMISSÃO: TRAUMA E NARRATIVAS NOS ESPELHOS DA CULTURA. São Paulo: *Jornal digital dos membros - Departamento de Psicanálise, Instituto Sedes Sapientiae*, n. 13, 2010.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Diretoria de Estatística e Informações*. Déficit habitacional no Brasil em 2015. Belo Horizonte: FJP, 2018.

FURTADO, Juarez P. et al. Inserção social e habitação: um caminho para a avaliação da situação de moradia de portadores de transtorno mental grave no Brasil. *Interface*, Botucatu, v. 14, n. 33, p. 389-400, jun. 2010.

GARCIA, Isadora Severo. *O ser e o habitar em um lugar que não existe no mapa: a invisibilidade fotografada*. Rio de Janeiro, 2006. 145 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e luta pela moradia*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GOULART, Débora Cristina. *O anticapitalismo do movimento dos trabalhadores sem-teto MTST*. Marília, 2011. 276 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

HOLZ, Sheila; MONTEIRO, Tatiana Villela de Andrade. Política de habitação social e o direito à moradia no Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 10., 2008, Barcelona. *Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica*. Barcelona, 2008.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Boletim de Análise Político-Institucional*. Brasília: Ipea, 2018.

JANSEN, Rodrigo Diego. Política Urbana e o direito fundamental à moradia. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, v. 36, n. 01, p. 161-178, jan./jun. 2012.

KEMPER, Maria Lenz Cesar. Invisibilidade, identidade e laço social na contemporaneidade: sobre a exclusão nas esferas psíquica e social. *Cadernos de psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 105-125, jul./dez. 2013.

KRAUSE, Cleandro; BALBIM, Renato; LIMA NETO, Vicente Correia. Minha Casa Minha Vida, nosso crescimento: onde fica a política habitacional? In: BRASIL, Ipea. *Texto para discussão*. Rio de Janeiro: Ipea, 2013, n. 1853, Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1853.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

LACAN, Jacques (1955-1956). O Seminário, Livro 3: as psicoses. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. (1966-1967). O Seminário, livro 14: a lógica da fantasia. Recife: Publicação não comercial dos membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.

LANDIM, L. A *Invenção das ONGs: do serviço invisível à profissão sem nome*. Rio de Janeiro, 1993. 239 p. - Tese (doutorado em antropologia social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LANDIM, Leilah. "Experiência Militante" História das assim chamadas ONGs. In: ____ (Org.) *Ações em sociedade: militâncias, caridade, assistência, etc.* Rio de Janeiro: Iser/NAU, 1998. p. 23-87.

LANDIM, Leilah, COTRIM, Leticia. *ONGs: um perfil; cadastro das filiadas à Associação Brasileira de ONGs (ABONG)*. São Paulo: ABONG/ ISER, 1996.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand (1967). *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARGUTI, Bárbara Oliveira. Políticas de Habitação; In: BRASIL. Nova agenda urbana e o Brasil: insumos para sua construção e desafios a sua implementação / organizadores: Marco Aurélio Costa, Marcos Thadeu Queiroz Magalhães, Cesar Buno Favarão. Brasília: Ipea, 2018.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 151-166, ago. 2003.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo da Gama; SARAIVA, Camila. Favelas no município de São Paulo: estimativas de população para os anos de 1991, 1996 e 2000. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, Belo Horizonte, V. 5, N. 1, mai. 2003.

MONTEIRO, Adriana Roseno; VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. A QUESTÃO HABITACIONAL NO BRASIL. *Mercator (Fortaleza)*, Fortaleza, v. 16, e16015, ago. 2017.

MOREIRA, Claudia Maria Silva; PINTO, Jeferson Machado. Para além da ilusão: o real na crítica freudiana à religião. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 15, n. especial, p. 389-404, dec. 2012.

MOURA, Gerusa Gonçalves; FERREIRA, Leilaine de Fátima. Plano Nacional de Habitação: atual cenário do Programa Minha Casa Minha Vida. *CaderNAU-Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas*, v.7, n. 1, 2014, p. 65-80.

MTST. *As linhas políticas do MTST*. Disponível em: <<https://www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

NASCIMENTO, Denise Morado. As políticas habitacionais e as ocupações urbanas: dissenso na cidade. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 145-164, abr. 2016.

OLIVEIRA, Anna Cynthia; HADDAD, Sérgio. As organizações da sociedade civil e as ONGs de educação. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 112, p. 61-83, mar. 2001.

OLIVEIRA, Nathalia Cristina. *Os movimentos dos sem-teto da Grande São Paulo (1995-2009)*. Campinas, 2010. 324 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

PASTERNAK, Suzana. Habitação e saúde. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 30, n. 86, p. 51-66, abr. 2016.

PASTERNAK, Suzana; D'OTTAVIANO, Camila. Favelas no Brasil e em São Paulo: avanços nas análises a partir da Leitura Territorial do Censo de 2010. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 75-100, abr. 2016.

PELLEGRINO, Hélio. Pacto edípico e pacto social. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo, 11 set. 1983.

PENNAFORT, Roberta. Bolsonaro sobre MST e MTST: 'Invadiu, é chumbo'. *Estado de São Paulo*. São Paulo, mai. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-e-melhor-perder-direitos-trabalhistas-que-o-emprego,70002317744>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

POLI, Maria Cristina. *Clínica da exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Prefeitura de São Paulo, *Subprefeitura Penha desocupa área de favela*. 2010. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/penha/noticias/?p=16754>> acesso em: 01 fev. 2019.

PRIORI, Angelo; et al. A modernização do campo e o êxodo rural. In: PRIORI, A., et al. *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Maringá: Eduem, 2012, p. 115-127.

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. As definições de assentamentos precários e favelas e suas implicações nos dados populacionais: abordagem da análise de conteúdo. *Urbe: Revista Brasileira Gestão Urbana*, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 340-353, dec. 2015.

RODRIGUES, Lucas Pazolini Dias; MOREIRA, Vinícius de Souza. Habitação e políticas públicas: o que se tem pesquisado a respeito? *Urbe: Revista Brasileira Gestão Urbana*, Curitiba, v. 8, n.2, p. 167-180, 2015.

ROSA, Miriam Debieux. Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Textura Revista de Psicanálise*, v. 2, n. 2, p. 1–13, 2002.

ROSA, Miriam Debieux. *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

SAMPAIO, Camila Pedral. Algumas idéias sobre pesquisa em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 243-255, jun. 2006.

SILVA, Francismary de Amorim. O programa habitar brasil BID: sua trajetória na cidade de Cuiabá. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. 6., 2013, Maranhão.

SPINK, Mary Jane Paris. *Viver em áreas de risco: reflexões sobre vulnerabilidades socioambientais*. São Paulo: EDUC/Terceiro Nome, 2018.

TASCHNER, Suzana Pasternak. Favelas em São Paulo – censos, consensos e contrasensos. *Cad. Metrópole*, São Paulo, n. 5, p. 9-26, 1999.

TATAGIBA, Luciana; PATERNIANI, Stella Zagatto; TRINDADE, Thiago Aparecido. Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de a o do movimento de moradia de São Paulo. *Opinião Pública*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 399-426, nov. 2012.

TETO. *Briefing institucional*. 2016. Disponível em: <<http://www.techo.org/paises/brasil/wp-content/uploads/2016/11/briefing-institucional-2016-1.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2018.

TETO. *O percurso do TETO*. Disponível em: <<https://www.techo.org/brasil/nossa-historia/>> Acesso em: 21 mai. 2018.

UNICEF BRASIL. *Declara o Universal dos Direitos Humanos*. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em: 21 mai. 2018.

VI AR, Marcelo. Humano - inumano: os limites do humano. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, v. 43, n.78, p. 211-216, jun. 2010.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil*. Brasília: 2014. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_AtualizacaoHomicidios.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ANEXOS

ANEXO I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

IRACEMA: PRÉ CONSTRUÇÃO

G. - Me conte um pouco sobre sua história de vida.

I. - Oi, meu nome é Iracema..., eu tenho 30 anos. E... É para começar lá atrás?

G. - O que você quiser me contar.

I. – Então, eu desde os 4 anos de idade eu tirei meu rim, eu tenho um rim só, perdi o outro com 4 anos, e eu tirei. Daí em diante minha mãe ficou curando em casa, porque eu fui praticamente com meu rim aberto, não sai do hospital com o rim fechado, ele foi aberto. Minha mãe que começou a curar em casa para poder cicatrizar. Daí em diante conforme eu fui crescendo, crescendo né, tempo de criança, mas eu falo assim que praticamente eu já nasci já sofrendo. E com 13 anos para 14 eu cortei meu pé com linha de pipa. Foram os dois pés, tinha o fio e a linha jogada no chão, quando minha prima passou não veio nenhum carro, quando eu passei venho um carro e pegou na “rabeira” do carro e enrolou no meu pé. Eu quase perdi meu pé. Então, assim aconteceu isso comigo porque eu creio que eu fui escolhida dentro do ventre da minha mãe. E o inimigo praticamente persegue quem é escolhida. Mas só que do mesmo jeito ele não conseguiu tirar isso, não conseguiu tirar minha vida.

Por outro lado, ocorreu um caso também né, com essa idade de treze para quatorze. Aconteceu um ato assim dentro de casa. Com um pai, um caso praticamente abuso né. Então, eu ficava dentro da minha casa só chorando, enfiada em um cantinho, chorando, e minha mãe não sabia o que era. Minha mãe trabalhava e ela deixava ele junto com “nóis” trabalhando. Aí conforme todo mês ela ia trabalhar achando que ele estava cuidando e ele não estava, ele estava fazendo praticamente o que não era para fazer. Chegou um certo tempo, que foi, minha mãe colocou um pai de santo dentro de casa, e essa pessoa nós considerava como pai. Nós sempre fomos evangélicas desde pequena, só eu e minha irmã, minha mãe nunca foi. Aí colocou dentro de casa, e nós considerava ele como pai mesmo. Só que chegou um tempo que ele chegou e falou assim ó “preciso falar com você, vamos na casa da tia?”, aí eu fui. Ele me falou “aconteceu isso e isso com você né?” aí eu falei

“como é que você sabe?” aí ele pegou e falou “joguei nos búzios”, falei “é”, “sua mãe sabe?”, “não”, “seus irmãos sabem?”, “não”, mas porém tinha outros irmãos meus no meio também, porque era pai e filho. Aí ele pegou, conversou comigo, fez eu me abrir com a minha mãe, sentou lá comigo, minha mãe, eu peguei e se abri. Mas nem tudo eu falei porque eu fiquei com vergonha, e certas coisas nojentas. Eu não tinha paz quando era adolescente, não tinha. Nem para dormir, nem para tomar banho. Aí eu peguei, e tá, aconteceu isso, descobriram, e praticamente nós correu atrás, minha mãe levou a gente pra fazer exame, nós fez. O médico pegou e falou assim que teve de uma de nós, eu não sei quem foi, que constou algo, que eu não sei o que que deu no exame.

Aí aconteceu o que, nós fomos atrás, infelizmente minha avó colocou a gente para rua, com minha mãe e tudo, nós ficamos um ela uns tempos, eu fiquei com ela uns tempos, porque minha mãe infelizmente sempre colocou eu para fora de casa. Eu sempre fui rejeitada, de todos em volta, nós somos em 7. Eu sempre fui a mais rejeitada, e uns dois irmãos meus também. Aí eu peguei e tá, morei nas casas dos outros, sofri. Eu sem saber para onde ir. Um tempo atrás eu estava achando meu pai estava atrás de mim, e eu morando na casa da mulher. Quando ele conseguiu me achar ele falava comigo, que pediu perdão a Deus, que estava indo para igreja. Falou que teve umas pessoas que bateram nele, porque lógico, os caras mesmo bateu, diz que deixou ele aleijado, e eu não falava nenhum “a” com ele. Ele tentava ficar perto de mim e eu afastando dele, porque eu não me sentia praticamente segura. Aí ele pegou e falou “não, papai sabe porque você está assim, papai errou, o papai quer seu perdão”, só que eu não falava nenhum “a”, eu ficava muda, eu não conseguia falar com ele. Aí ele pegou, e tá, a última vez que eu o vi, aí eu estava sabendo a última vez quando eu fui morar com a minha mãe, a minha mãe foi atrás de mim, falando que ele estava atrás de mim de novo.

Aí eu fiquei uns tempos com ela. Nesse meio tempo que eu fiquei, ele se matou. Quando ele se matou, aí vinha algo no meu ouvido falando “vai para debaixo da mesa, vai para debaixo da mesa”, e eu ali né, não querendo olhar, quando eu taquei o olho sem querer eu vi ele dando um tchau, dando risada. Mas não foi ele realmente, foi o próprio inimigo, porque ele mesmo que tirou a própria vida dele, então como a gente fala né, da gente mesmo tirar a própria nossa vida, a gente não tem salvação. Infelizmente ele está onde não era para estar né. Eu assim, eu sempre pensei assim e sempre falei “eu sinto a falta de um pai mesmo”, porque eu queria ter um pai, queria tanto mesmo ter um pai, mas infelizmente

né, não é todas as pessoas que realmente têm um pai. O inimigo ele entra bem para destruir. Entra para totalmente derrotar a família.

Então daí até lá, aí aconteceu o que, depois disso que passou minha mãe me colocou para fora de casa. Eu fiquei mesmo na casa dos outros de novo, morando nas casas dos outros, sofrendo, sabe. Passei o pão que o diabo amassou. Daí em diante eu fui crescendo, eu não consegui ir, parece que era uma coisa, não saia da casa de ninguém, parece que eu ia só morando, não dava certo com um, ia para casa do outro. Arrumava escola, aí não conseguia terminar meus estudos porque ia para casa de outro. Minha rotina era essa de criança. Ficava nas casas para “mim” não ficar na rua.

Aí tá, chegou certa idade, mais ou menos, 18 anos para 19 anos, e eu morei na última casa de uma mulher. Aí eu ajudava ela e tudo, ela tinha bar então eu trabalhava ali. Que hoje até lembro a minha sainha, que só Jesus. Praticamente eu não tinha nem roupa, a única roupa que eu tinha era a que eu usava, e eu trabalhava lá, e conforme eu colocava essa saia que era a única que eu tinha, e eu precisava subir no banco para pegar as coisas, aí tinha um menino, lá fora. Fiquei sabendo que ele ficou a fim de mim, não sei se foi por causa das vestes, porque minha intenção não era essa, chamar atenção, era a roupa que eu tinha. Aí ficou a fim de mim, aí eu conheci ele né, minha intenção era realmente casar mesmo, porque era um sonho meu. Ainda tenho um sonho, para dizer que eu não tenho, claro, eu não queria assim, um tempo atrás eu não tinha mais o sonho para casar mesmo, porque no meu tempo de 15 anos eu já sonhava com isso, casar de véu e grinalda, vestido branco branco, mas infelizmente o inimigo tinha destruído isso de mim.

Aí eu peguei, conheci ele, fiquei com ele, teve o primeiro filho com ele. E no caso, ele praticamente ele estava me traindo com uma outra mulher que estava lá pros lados de Pernambuco, sem eu saber, não dava dinheiro. Depois de um tempo ele chegou assim e falou “filha, eu estou separando de você”, sem eu fazer nada, e eu estava com meu filho que não tinha nem um mês ainda. Simplesmente, eu só chorei e ele foi embora de casa. Aí eu morei sozinha, aí no tempo veio o pai da minha filha, da Bahia, e eu bobona, gostei dele, não sei o que que eu vi nele. Aí eu falei para a tia dele “ó eu estou gostando dele”, e ela “fala para ele”, e eu “não, não vou falar”. Ela falou. Aí ele viu que teve contrito ali comigo depois dessa separação entre esse marido meu com meu irmão. Meu irmão veio, fez a maior confusão, fez o maior “auê”. Eu nervosa ali, eu quase quebrei um fogão. Aí eu peguei

e ele falou assim “vamos lá para minha casa passar uns tempos”, mas minha intenção não foi ficar uns tempos, foi ficar com ele mesmo, eu gostando dele.

Até aí eu fui com ele, e tudo, fiquei com ele, engravidei dele. No dia em que ele veio para cima de mim, me bateu, eu não falei que eu estava grávida. Teve outra briga também, com o pai da minha filha, esse que é baiano, aí ele pegou e falou assim “essa criança não é minha, essa criança é do seu ex”. Aí eu falei “não é, essa criança é sua”. E ele sempre rejeitou meu filho dentro da barriga, que é o que está hoje com ele lá na Bahia. Era para estar comigo hoje. Ele sempre rejeitou, falou que o menino não era dele porque não era dele. Aí meu ex marido, que é o primeiro, eu estava sabendo que... (está fraco né? será que não é melhor colocar na garrafinha?) aí ele pegou e falou assim “essa criança aí não é minha”, aí pegou e falou que a criança não era dele, aí eu peguei e falei “está bom”.

Aí eu fui morar com esse ex marido meu. Ele usava droga, sofri com ele. A ex mulher dele largou ele por causa de drogas. Não largou por causa de drogas né, largou porque ela realmente não amava, que veio por causa da mãe, interesse. Interesse de dinheiro. Aí ela pegou, e deixou ele sozinho, a casa toda suja, ele lá jogado, aí eu fui, conversei com ele, voltei e falei “ó, essa criança que está na minha barriga não é sua”, falei para ele, “é de tal tal”, ele pegou e falou “não tem problema”, aí eu fui morar com ele.

Quando eu estava com ele em Mauá, aconteceu outra coisa também né. Eu pensei “meu Deus, será que isso é perseguição”. Ele praticamente mexeu com o meu filho. Meu filho só tinha 1 aninho de idade. Ele não falava ainda o meu filho. Parecia que vinha algo no meu ouvido e falava assim “vai até lá”. Eu tirei o chinelo, fui até o quarto, peguei e falei “você fez isso ou não fez?”, ele “não fia, eu não fiz, não, não”, eu falei “você fez ou não fez?”. Depois que eu falei 3 vezes ele falou “desculpa”. Aí eu peguei já, sabe, e veio a imagem do meu pai todinho sobre o que aconteceu de mim, meu pai praticamente foi pior que ele. Aí ele pegou, tipo, me bateu né, que aqui na minha face do meu rosto ficou inchado.

Eu fiz o boletim de ocorrência, fui com a prima dele tudo, falei que praticamente ele estava quase abusando de mim também, porque tudo com ele era 8 ou 80, sabe, mulher não quis e ele não queria saber então pegava pulso, até onde não devia, que só Jesus. Aí ele pegou né, e fez o que fez. Aí eu falei para ele que quando eu sair daqui eu vou na delegacia, aí fui. Mas o porém, infelizmente a lei hoje em dia, eles não faz a parte certa, eles fica do lado da pessoa que é errada. Eu fiz meu boletim, mas hoje eu estou sabendo

que os policiais de lá falou que era mentira minha, aí ficou por isso. Aí aconteceu o que, eles falaram assim “você tem para onde ir?”, aí eu falei “não”, ele falou “você tem mãe?”, “tenho, mas eu não posso ficar com a minha mãe”, aí eles pegou e falou “por que?”, “não posso porque não sei a situação dela”, aí ele falou “mas você não vai ficar na rua”, eles me levaram até aqui em São Paulo, deixaram eu em uma praça, e o povo passando na rua achando que eu estava morando na rua, aí passava dando um real, dois real, e eu dando risada. Eu falei “o meu Deus, acho que eles tão achando que eu estou na rua”.

Aí eu peguei e tá, morei com minha mãe, uns tempinho também, aí teve outro contrito. Teve outra briga lá na casa dela, mas não comigo. Ela cismou comigo. Ela pegou e falou “ó Iracema, não quero você mais dentro da minha casa”, eu falei “mãe, você está me pondo pra fora com meus três filhos?”, ela pegou e falou “não quero você mais dentro da minha casa”. Eu dava banho em um, aí já pegava os três e colocava tudo no banheiro de uma vez. Enquanto um se molhava, eu ensaboava um, o outro tirava o sabão, e eu passava sabão no outro para ir assim rápido. Então ela cismou, porque ela tinha outra religião, então é como fala, a religião dela era das trevas.

Aí ela pegou simplesmente e eu peguei e fui, peguei um carrinho pequeno, não aquele que eu tenho hoje com o neném, era um outro. Coloquei os três no carrinho, e andava na rua assim chorando sem saber para onde ir, para onde ficar com os meus filhos, e todo mundo olhando e eu caçando um lugar para mim, eu não tinha onde ficar. Aí eu passei em uma rua e encontrei um amigo meu, ele falou assim “nossa S., esse daí é seu filho?”, e eu falei “é, são meus três filhos”, “eu nunca vi você com filho”, “é claro, né, mas são meus três filhos”. Aí eu peguei e tá, ele tentou me ajudar, mas da mesma forma, ele me ajudou, mas me atrapalhou. Ele me colocou em um lugar, e falou que ia deixar eu morar ali, mas é um lugar que tinha moto usada, móveis usados, ele tentou ajeitar um cantinho, aí nós dormiu. Só que atrapalhou no mesmo tempo, porque eu levantei e meus filhos passando mal, um vomitando, outro com diarreia, com febre. Eu tive que ir na casa de um, de outro, fiquei dependendo dos outros, e não é todos que estavam em casa geralmente.

Aí eu passando a maior dificuldade assim, eu ficava chorando né, olhando assim para os carros, não conseguia comer, aí ele tentou me ajudar, esse menino, só que não deu certo. Aí eu falei “pera aí que eu vou fazer um negócio”, aí eu fui atrás do pai do meu filho, que é desse segundo menino que foi abusado lá em Mauá. Aí eu fui atrás, eu peguei

e falei assim para o pai dele. Não, a menina de dez anos veio e falou “Iracema, por que eles estão chorando?”, aí eu falei assim “é porque eles passam fome né fia, não é fácil”, aí essa menina de dez anos chorou, e o pai como se fosse nada. Ele ficou, sabe, eu não sei nem como explicar a reação dele porque ele não teve reação.

Aí eu falei “aconteceu isso e isso com o seu filho” e o menino não era registrado, aí ele falou assim “eu vou fazer DNA, se o menino for meu eu registro”, eu falei “é, pois é seu”, eu falei “eu nunca, nunca falei que não era seu, é seu desde quando esse menino gerou no meu ventre”. Aí eu fiz, e quando eu fiz o DNA eu fiquei procurando igual uma boba porque eu não sei esse negócio de DNA mesmo, eu caçando e o primo dele achou e viu V. tal 100% filho. Aí eu falei “toma”, aí ele pediu desculpa, mas só que aí o primo dele não aceitou, ele falou “não era para você pedir desculpas”, e ele foi registrado em 2012, o meu filho, aí ele falou “como eu falei para você que se o menino fosse meu a gente morava junto, então a gente vai morar junto”. Ele, no caso, só morou comigo por causa do menino, não morou porque me amava. Aí eu morei, sofri com ele, ele dormia fora, nossa, ele aprontava que só Jesus, passei um sufoco com ele dentro de uma casa.

Aí daí até lá a gente não se deu certo, voltei com esse outro, porque eu tenho dois filhos desse primeiro, mas não tinha acontecido ainda esse negócio de abusar. Aí eu voltei a morar com ele, aí ele pegou, e teve esse outro menino que a foto não sei onde está, quando eu achar eu te mostro, ele é fofo, ele é o mais branquinho, ele é galego, é filho sabe, cabelinho da cor diferente, ele é galego mesmo, e mais branquinho. Aí tá, tive filho com ele, não deu certo, separei de novo, e voltei com o outro. Minha rotina era essa, ou era ele ou era o outro só, eu nunca pensei em ficar com outro ainda na época, era só eles dois. Aí não deu certo e voltei com esse, aí tá, conforme a vida da gente foi andando, e sempre os casais têm né, briga, essa coisas normal, nós sempre teve briga, mas aí depois não deu certo também. A última vez que nós ficou, nós morou ali perto do aeroporto, ali na São João, perto do aeroporto de Guarulhos, a Malvinas, que eu lembro que o povo do TETO foi lá também. Aí nós morou lá, só que aí ele pegou e fez o que, abandonou eu, minha filha e ele lá, na Malvinas né, e eu sem ter o que fazer assim, para poder sustentar.

Meu filho nasceu com problema, nasceu sem moleira, aí eu passava assim no médico e o médico falava assim que meu filho, quando ele sentisse a dor era para mim levar ele, mas ele ia correr risco de vida ou morte depois de grande, aí ela pegou e falou

para mim “você já correu atrás disso?” e eu falei “já, desde bebezinho, porque ele chorava muito, e quando nós foi ver ele não tinha moleira, e dos lados inchava e fundava, e ele sentia aquela dor e não podia fazer nada”. Aí conforme foi passando, o menino foi crescendo e tudo né, o médico até pegou e falou que ia atrapalhar algo na vida dele, que eu não sei se era o aprendizado, não sei o que que era, que hoje o pai dele fala que ele é burro, que não sabe de nada, só sabe brincar, que eu lembro que ele fica no celular todo agitado, todo nervoso. Eu falei “se você estiver assim com meu filho, pega meu filho e me devolve, porque eu quero ele de volta, minhas portas pros meus filhos sempre vai estar aberta”, aí ele pegou e falou assim “ah mas você sabe que eu quero morar com a minha filha, deixa eu trazer ela para cá, pra Bahia”, aí eu falei “não”, e ele tentou fazer a cabeça da minha filha, falando “vem morar com o papai, o papai vai te dar isso, vai te dar aquilo”, insinuando ela. Eu com um fone de ouvido e ela com outro, ele achando que eu era boba, aí eu peguei e falei para ela “não”, e eu ensinei para ela “filha, as coisas não é assim viu, você nunca vai morar com seu pai, ele fazendo você morar por interesse, nunca faz isso.”. Aí tá, ele foi para lá, levou o menino, o menino tem o que, 12 anos, e foi para lá com 5 anos, se eu não me engano acho que tem 5 anos que ele foi para lá. Aí ele doidinho pra vir, ele chorando porque ele quer vir morar comigo. Esse tem 11 anos, o mais velho está em Mauá, tá, não sei se está, porque já tem mais de 8 anos que eu não sei desse de 12 anos e do de 7 anos, já tem 8 anos que eu não sei dele. Aí ele pegou, e está lá com ele, não manda ele, vai ano, passa ano, e eu lembrando deles.

Eu falei até para Deus “Deus, eu nunca esqueço dos meus filhos, eu sempre vou estar lembrando”. Ele não manda pensão, não manda nada, eu que se viro com a minha filha, eu que dou um jeito ou eu peço, eu não sei, mas Deus que está ali também me sustentando né, porque Deus nunca desampara a gente, então Deus sempre está aqui comigo. E é triste porque assim, minha filha, ela quer ter as coisas porque ela está crescendo, e eu não podendo dar, sabendo que tem pai vivo e está enchendo a cara de cachaça, ensinando um caminho diferente para o meu filho. É coisa que eu fico triste. Aí ele está lá, aí eu pego e converso com ela né, chega o final do ano ela quer roupinha nova, ela quer se arrumar, mas só que eu não tenho condições. Foi como eu falei para ela “ó, a mãe vai ver lá no brechó no final de ano, a gente vai comprar roupinha pra você lá, eu vou comprar no brechó”. Porque eu sou assim, se eu não tenho condições de comprar roupa nova, eu compro no brechó mesmo. A maioria da nossa roupa é do brechó ou é ganhado.

Aí eu peguei né, e falei com ela, ai eu falo para Deus “Senhor, eu quero meus filhos de volta, mas eu tenho que estar com minha vida né, assim, não vou falar bem bem também né, eu falo assim, melhorar a minha vida, para que eu possa ter meus filhos de volta comigo né”. Aí eu estou esperando praticamente só em Deus né, porque eu creio em Deus. Aí eu peguei e tá, eles estão lá e eu estou aqui, mas pra eu chegar aqui eu morei na casa de mais gente com a minha filha, sofri de novo. Eu estando na presença de Deus eu sofri.

Eu morei na casa de uma irmã, da Igreja, na casa da irmã que era da igreja, passei o pão que o diabo amassou de novo. Eu nunca esperava ouvir de uma irmã, porque assim né, eu fui morar na casa dessa irmã porque eu morava com o padrasto da minha filha. Aí eu morei na casa de uma irmã, e essa irmã era... não sei se missionária, só sei que ela falou assim “irmã eu não vou, sinto muito, eu deixar você aqui dentro da minha casa, você com essa cara desse tamanho” porque assim não é fácil, a gente que passa pela situação, não é fácil. Morar na casa dos outros com criança não é fácil. É difícil. Aí eu peguei, e simplesmente saí de lá porque a casa não era minha mesmo, eu respeitei. Saí e fiquei com a minha filha na rua. Essa foi a segunda vez, porque a primeira vez fiquei na rua porque o padrasto da minha filha trancou a gente.

Eu saí da igreja para ir para casa e a casa estava trancada, porque ele falou para mim “se você voltar para casa você não entra mais”. Ele foi até a igreja lá para poder levar a tribulação, passei a maior vergonha, chorei, falei com Deus. Aí quando eu voltei minha cabeça voou, porque eu passei a chave, mas não conseguia abrir. Aí eu falei “e agora Deus? Vou ficar com a minha filha na rua?”. Aí minha filha “mãe, tem a M.”, e eu “Que M.?” , eu com a cabeça lá do outro lado do mundo. Aí nós fomos nessa outra igreja humilde, bonitinha e tal. Aí eu morei na casa dessa irmã, só que essa irmã ela viu como é que eu estava, meu semblante era do tamanho do mundo, eu dormia desse jeito e levantava desse jeito, porque eu não estava aceitando isso. Aí quando ela colocou para fora eu fiquei na rua com a menina.

Aí a outra irmã soube e falou “Iracema por que você não falou? Fiquei muito triste”, aí eu falei “é irmã, eu só não acordei você porque já era mais de meia noite”. Porque assim, minha rotina ficava na casa de uma, segunda terça e quarta na casa de uma, quinta, sexta e sábado na casa de outra. Minha vida era assim, até quando Deus dizer chega. Minha mente já voava, porque eu não tinha endereço certo, não tinha onde ficar certo. Aí pra

chegar nessa conclusão que eu fiquei na rua, nós fomos lá em um CRAS, e nós conversou com a assistente social, e foi, conversou com nós, falou que tem um lugar aí que põe mãe com criança, que é uma casa aí, que ninguém pode saber, que eu não sei que casa é essa. A irmã achou estranho, a irmã falou assim “não Iracema, eu não vou deixar você ir pra lá, eles vão tomar seu filho e sua filha”. Porque restou só a minha filha, ela sofreu comigo desde os 3 anos de idade, ela passou tudo que não devia até o que você imagina de adulto que ela viu. Porque muitos deles não respeitava minha filha. Eu tive cinco maridos, mas nenhum restou. É que nem a história da... que está na bíblia, que ela teve cinco maridos, nenhum era honesto, a minha história bate com a dela. A diferença é que eu teve filho. Aí aconteceu isso, simplesmente eles não me deram o que eu realmente queria. Porque assim, na minha vida eu não quero só “ah é dinheiro, ah eu pago aluguel, ah é isso ou aquilo”, não é isso que eu procuro em um homem.

Eu procuro em um homem, é como fala, quando a mulher quer conversar, a gente tem o nosso marido, é para isso, quando a gente quer desabafar, quando a gente tem algo assim para poder né, para soltar para marido. Se nós tem marido é para isso, mas infelizmente nem todos é assim, nenhum deles me deram o que eu queria.

Então eu sofri tudo isso, vim para cá pra São Paulo, fui morar aqui em São Paulo no Brás, morei em uma casinha aí e a casa era enorme, a casa era enorme. Aí eu fiquei uns tempos lá, até que a tia da minha filha disse “Iracema tenho uma coisa pra te contar”, eu falei “o que que foi?”, aí eu já entrei em pânico, porque fiquei preocupada, achei que eu ia perder minha filha. Aí eu falei “ah não, pra eu perder o carro vai ter que passar por cima de mim pra tirar de mim”, falei dessa maneira. Mas só que aí não, ela falou que a dona pediu a casa. Aí eu falei assim, quando ela falou da casa eu disse “ah, era isso?”, porque eu me assustei né. Aí ela pegou e conversou, morei uns tempos lá com ela ali no Armênia, uns tempos não, 1 ano e alguns dias, o prazo certo. Aí ela falou “o dono da casa pediu, e a gente tem que sair daqui”, aí eu falei “é, mas vai ser tudo no tempo de Deus”, porque ela se preocupou muito. Aí ela pegou e começou a falar no meu ouvido, falando, falando sobre isso, aí eu falei “fia eu coloquei na mão de Deus, descansa seu coração”, “Ah mas...”, “põe na mão de Deus”.

Aí eu peguei e tá, eu entrei na mão de Deus na hora certa né, saí dali, mas só que a minha barriga antes de tudo acontecer isso e ficar um ano lá, quando eu vim pra ficar no

Armênia, eu já tinha arrumado serviço, que era o serviço que eu estava trabalhando mesmo. Dali eu conheci um menino, só fiquei um dia né, só para ver se eu amava alguém de novo né, porque tem coisas mesmo que a gente esfria de tanto sofrimento na mão de homem. Eu sofri muito. Todos eles já me bateram. Todos. Eu não vou falar que nenhum deles nunca bateram, todos eles bateram.

Aí eu conheci esse menino da minha firma, fiquei com ele uma vez. Eu fiz um teste na real, mas só que esse teste né, é como a gente fala né, a beleza fala alto e a nós quebra a cara ainda. Aí assim que eu fiquei com esse menino, menina do céu, foi um choque para mim, mas só que eu fiquei normal. Teve o que teve, aí tem os esquemas lá que as mulher sabe do chuveiro, e eu achando que o bonitinho ia levar algo para se prevenir, não levou. Eu entrei em choque por aí, mas eu não fiquei muito assim porque para mim veio normal, eu não peguei cesta pesada, não peguei bujão pesado para levar lá para casa porque não tinha ninguém para me ajudar, aí empresa mandou embora. Eu tinha 3 meses de firma, 3 meses na experiência.

Assim que a empresa mandou embora eu comecei a sentir aquela dor no estômago, aí ficou aumentando. Mas eu falei “eu não vou fazer o teste porque não é gravidez Jesus, não é possível”. E aquele negócio dentro de mim. Aí eu saía e passava sempre perto da farmácia, e falei “eu não vou fazer”, aí eu peguei e aumento, aí quando aumentou a dor de estômago aí eu peguei e falei “vou fazer”. Aí eu peguei e fiz, quando eu fiz foi na lata, deu positivo. Aí minha cabeça voou a milhão, sofri de novo, chorei, foi luta mesmo na minha mente, sabe, luta espiritual, foi luta espiritual. Aí eu peguei e fiz o que, voltei lá na empresa, depois que eu fiz o teste e falei “ó, estou grávida”, e ele disse “mas quando a gente mandou você embora você sabia?”, eu falei “não”, ele “pois é, a gente foi inocente”, eu “da mesma forma que vocês foram eu também fui”. Aí as meninas lá da firma falou assim “eles não são obrigados a pegar você de volta”, aí eu falei “é, então está bom”, eu falei “isso nós vai ver, ou você devolve o dinheiro pra gente te pega, ou a gente não vai te pegar”, ele pediu assim, uma devolução de dinheiro. Aí eu falei “ué, vocês que mandaram eu embora, eu não sou obrigada né a devolver”. Aí eu falei “Fia eu só tenho 500 reais, eu já gastei o resto porque lá em casa precisava”. Ele pegou e falou assim “então vai ficar difícil. Se você quiser correr atrás dos seus direitos, você corre.” Mas só que ele falou ali né, ele achando que eu não ia correr.

Aí a minha barriga foi crescendo, crescendo, e eu preocupada, “Senhor o que eu vou fazer, senhor? Eu não tenho roupa senhor”. Eu não tinha ganhado as coisas do meu filho ainda, e eu preocupada. Aí quase com 9 meses o primo da minha filha correu atrás. Eu falei “cuidado pra eu não ganhar essa criança no meio da rua”, porque eu já tinha feito 9 meses. Aí nós fomos, aí quando nós fomos, teve audiência, aí eu orei a Deus e falei “nem que seja... como que fala? Concordância? Bom, é um nome que fala, acho que é mais ou menos isso”. Aí eu peguei e fui, aí porém o filho do meu patrão chegou lá todo apavorado, todo agitado, eu falei “que é isso Jesus?”.

Aí para fechar com ele foi difícil. Meu advogado queria que ele fechasse em 5 mil, ele chorou, ele não quis fechar com 5 mil, ele queria dar para mim duas vezes de 500 reais. Eu falei “o que?”, eu falei “ele já está sabendo que eu já tenho uma filha, e mais um para criar”, eu falei “não, ele está é louco”. Aí ele falou assim “fala pra ela três vezes de 500”, porque ele queria me dar só dois mil. Eu falei “não, não adiante, nem vem com essa não”. Só sei que foi uma luta. Aí não conseguiu fechar, aí meu advogado falou para fechar com 4 mil, e ele não quis fechar. Ele fechou praticamente com 3500, ele chorou tanto falando que lá estava tendo que quebrar, eu falei “é mentira porque essa empresa dele que eu trabalhei, lá na avenida Conceição, é na avenida! Lá é o que mais entra cliente ali nessa padaria”, eu falei “lá entra muito cliente, não tinha tempo nem pra ir no banheiro”.

Aí tá bom, aí ele pegou e fechou, nós correu atrás, assim que eu peguei falei “Senhor me dá estratégia aqui. Me dá estratégia para usar esse dinheiro”. Aí tá, nós começou a correr aqui, pra poder arrumar aqui, eu de barrigona quase ganhando o menino, com dor e tudo. Com dor. Aí eu peguei e vim, engraçado que eu sentia contração e tudo mas minha bolsa não estourava. Aí eu só sentia dor, dor, dor, e nada do menino vir. A bolsa não rompeu, a bolsa não estourou.

Aí quando eu cheguei no hospital, eu se internei lá. Eu fui de tarde internar, tinha uma menina lá que já estava morrendo de dor, e eu “ai meu Deus, deixa assim”, aí contração vinha e nada. Aí eu peguei e falei assim, é as médicas lá na sala falaram assim “Iracema, quando você sentir dor você grita”. Mas só que aí é engraçado, eu fiquei quase o tempo todo com dor, mas não vinha aquela dor forte. Achei que ele nem ia vir, deu 23:23 minutos e foi quando eu ganhei ele, aí já tinha conseguido a casa.

A tia dela veio e arrumou a casa, aí ele com 2 meses nós veio morar para cá. Aí foi até aqui, que eu estou morando sozinha, engraçado, eu vou fazer três anos aqui que eu moro sozinha, eu pretendo ficar né, sozinha mesmo, não pretendo arrumar ninguém. Porque assim, tudo que eu passei, sofrimento, o padrasto delas que eu já arrumei, nenhum respeitava minha filha, desde os 3 anos ela sempre sofreu. Tem algo que ela guarda lá do passado também, então o que eu não quero mais para ela. Eu pretendo criar ela assim com o Senhor, tentar assim ao máximo eu trazer a felicidade para ela, coisa que eu não tenho eu quero dar para ela. Que nem hoje, que nem as meninas lá que passou entrevistando também, falando que queria saber o passado, minha história, e de hoje.

Hoje eu não trabalho, eu não trabalho né, como assim eu falei pra você eu dependo de Deus, às vezes eu chego em uma irmã e peço 20 reais, Deus sabe, ou eu aguento até o dia de receber o bolsa, porque as vezes o bolsa é lá pro dia 24, como vai ser esse mês. É um aperto, uma dor no coração da gente que não quer ver coisa faltando para o filho da gente, mas é dessa maneira. Então conforme o povo do serviço já me machucou duas vezes, hoje eu não pretendo trabalhar registrado. Eu quero trabalhar para mim, abrir um negócio para mim agora, abrir o meu negócio, o meu comércio, ser dependente de mim para eu abrir na hora certa e fechar na hora certa. Como eu tenho a igreja eu já penso em tudo isso.

Então é como fala, hoje se você ir lá como você foi e abrir meu celeiro, hoje eu só tenho bem pouquinho de arroz na botija, é bem pouquinho, está quase acabando, mas só que eu não deixo assim abater eu, e eu mesmo assim busco a Deus. Doer em mim? Dói, mas é assim mesma as coisas da vida e Deus vê o que eu estou passando. Tem lá esse pouquinho e um pacote de macarrão, um e meio. Então eu só vou entregando na mão de Deus, o povo nem sabe o que eu passo. Muita gente olha só pra mim, como eu sou uma jovem, tem gente que só gosta de aprontar, ou falar que essa daí não é nada, ou chamar as pessoas pra ir pra igreja, mas se meu chamado na Terra é pra ganhar alma, eu ganho alma. Infelizmente o mundo não olha pro outro lado, ele olha pelas paredes. Muitos só sabem falar e ficar apontando, e ajudar ninguém ajuda, eu dependo somente mesmo do Senhor, entendeu? Então hoje eu falo, hoje eu sou feliz.

Quando o povo do TETO veio eu fiz a primeira inscrição né, fiquei triste, porque eu não tinha ganhado, mas eu olhei assim por céu e falei pra Deus “também, se for assim pra

eu perder minha pessoa, eu também não quero mais”. Mas eu creio que foi Deus que me testou, aí quando veio a segunda vez eu comecei a falar com Deus, teve campanha na minha casa, a pastora fez, para que essa casinha vinha a sair para mim. Aí quando terminou a campanha, graças a Deus o povo veio, e falou que eu consegui.

Aí eu peguei e fiquei bem alegre né, eu fico bem feliz mesmo por eu ter conseguido essa casinha porque é uma felicidade minha, porque eu estou cansada de ver só os bichos estragando roupa da minha filha, a gente não tem paz nem para dormir. Porque é ruim quando você está em uma casa, e você vê esses bichos andando pela casa, em cima da cama. Teve um que já “coisou” aqui em mim. Teve outro debaixo do cobertor, eu não dormia, eu ficava assim ó, paralisada. Já chegou a entrar sete dentro da minha casa, do nada. Então eu fico..., tinha horas que eu não dormia mesmo, eu ficava assustada. Aí eu peguei e falei para elas “nossa, eu fiquei tão alegre, minha casa vai ficar que nem casa de boneca”. Aí eu fico assim toda imaginando como que vai ser a casinha. Pôr a cortina, fazer uns detalhes, umas coisas que eu quero fazer. Eu estou feliz né, pela casinha. Eu estou fazendo isso pela minha filha e pelo meu filho, porque eu penso neles dois.

Eu falei com a minha filha e ela disse “mãe, eu queria meu quarto”, eu falei “filha, por enquanto o quarto vai ser a casinha do TETO, porque ela tem um sonho de ter um quarto, ela fala para mim que quer ver o bem. Ela assiste aquele programa lá na televisão, não sei se é no 7 ou no SBT, quando o povo manda carta pra poder construir a casa sabe, pra ganhar os mantimentos, ela fica louca quando ela vê isso, ela fala “mãe, eu não vou olhar” e “mãe, eu quero isso, eu queria tanto tudo isso pra nós”, e ela fala, ela quer ver eu feliz, ela quer ver eu casando, mas eu falo pra ela “ah M., não sei”, porque assim, pra você por uma pessoa dentro de casa hoje em dia você tem que pensar é muito.

Eu falo pra Deus “Deus eu não estou preparada não receber nem varão ainda”, sabe, porque para “mim” amar uma pessoa, tem que ser Deus pra trabalhar aqui agora no meu coração, porque eu acho que vai ser bem difícil assim se for por mim. Porque assim, nós tende a falar, a gente já teve o primeiro amor, a gente já amou a pessoa, e só existe um amor, como eu sempre ouvi falar, então não sei né. Então eu só espero em Deus né, porque para mim Deus é tudo, tudo mesmo, a gente sem Deus a gente não é nada, nada, nada. A gente com Deus já é difícil, imagine sem ele né. Então Deus é importante na vida da gente, o mais importante é como fala, você não pode ter nada, mas uma coisa que se você tiver

na sua vida, é bem importante, que é a presença do Espírito Santo e você ter a paz dentro do teu lar, a paz que Deus dá. Você sempre ter o Espírito Santo ali com você, é muito importante isso na vida da gente, e de outras pessoas né, que infelizmente não é todos que querem né. Uma tristeza ver vários jovens aí nas drogas, jogado, as meninas novas se prostituindo, como tem aqui. Eu fico assim muito triste né, porque não é fácil. Eu não penso nem em mim, eu penso nessas pessoas aí fora que estão com a vida desse jeito.

G. - Quais são suas maiores dificuldades hoje em dia?

I. - Então, minha maior dificuldade é, como que fala, é..., se for para pensar assim né, não só meu, mas para todo mundo, é o emprego. Porque a gente para poder sustentar uma família a gente tem que trabalhar, se a gente não trabalhar não tem como sustentar né. Então é um serviço né, para poder sustentar, e outra parte que eu falo né, infelizmente tem outros pais que serve só para fazer filho, não paga pensão, nem dela e nem dele, então não manda pensão. Então que se viro mesmo sozinha, eu que dou um jeito, dou uns pulos.

É como eu falo, eu dou graças a Deus que eu não preciso roubar, não preciso se prostituir, não preciso matar né, porque Deus sempre está ali comigo. Mas a dificuldade da gente é isso, porque assim, eu preciso comprar uma beliche, não tenho condições, porque eu vou fazer a casinha e não quero deixar aquela cama, ou queria ganhar uma beliche, porque eu sou assim, se eu ganhando para mim está bem-vindo. Para mim não importa se é usado ou não, eu sou desse jeito. Eu vejo que ela está precisando de sapato, eu não tenho condições de comprar né, ela está crescendo. Eu estou vendo que ela precisa de muita coisa.

Então essas coisas assim é dificuldade para gente, né, é uma coisa que dói. Porque é fácil fazer um filho, mas para criar é difícil. Porque assim, a pessoa não tem família por si, que é que nem o meu caso, eu tenho família, mas é como se fosse não ter, entendeu? Eu tenho, mas é como se fosse não ter família.

G. - Quais são seus sonhos hoje em dia?

I. - Olha, o meu sonho é um dia né...

Filha de I. - Eu queria um tablet.

I. - Ela fala menina, anos e anos ela pedindo um “tablet”, se eu pudesse eu dava mesmo. Tablet, é anos e anos, vai ano, passa, e ela querendo um tablet. Então, eu tenho assim, sonho meu como se fosse sonho deles também né.

Um dia, não sei, está na mão de Deus, eu casando mesmo, está na mão de Deus, isso vai ser o tempo dele. Eu não me importo se eu vou ficar 5 anos, 6 anos, ou mais separada. Porque graças a Deus eu não sinto nada, assim, pela pessoa. Eu creio que é Deus que está me guardando. Eu tenho um sonho sim, de casar, dar o meu melhor para eles. O que eu não teve... Então né, eu tenho sonho assim de casar né, um dia, mas esperar, vou esperar tudo em Deus né, porque é bom a gente esperar na mão de Deus e né, dar o meu melhor pra eles.

O que eu não “teve”, eu quero dar para ela, e para o meu bebê também né. E de ver meus filhos, ter meus filhos tudo de volta. Eu quero meus filhos, meus 3 filhos que tão longe de mim. Eu quero tanto ver eles. Eu não tendo, o problema é que assim, eu não tenho nada pra dar pra eles se fosse pra “mim” ver um dia. Porque eu penso assim, se for para um dia encontrar meus filhos, eu queria ter algo assim para “mim” dar para eles. Porque ir de mão vazia é complicado. Então, eu quero tanto um dia ver meus filhos de volta, ver se eles estão bem, saber como eles estão né, porque é triste assim, ver meus filhos longe.

Esse de 7 anos, a avó dele tomou ele dos meus braços, ele tinha uns 10 meses, então pra ele com certeza eu não vou ser mãe dele. É triste isso pra mim, mas foi pelas devidas situações que eu passei na minha vida, porque foi muito sofrimento né, muito mesmo. Então, em vez de eu ter minha família para me ajudar, eu não teve. Felizmente o pai dos meus filhos que foi e ajudou, e a família dele, para poder tomar de mim né. Então meu sonho mesmo é ter mais eles de volta para morar comigo. Se um dia eles vim a porta da minha casa vai estar aberta, a casa pode ser pequena, vai caber todos eles. Mas está na mão de Deus né.

I. - Dificuldade para morar aqui eu não tenho muita. O problema é só lá mesmo para poder né, fazer a casa. Porque ali para estudar, eu estudei, estudei, eu vi que é um estudo mesmo que é difícil, porque lá é pequeno. Eu tive que pegar um pedaço do meu vizinho, 10cm. Se eu fizesse ela grande, eu ia tirar o banheiro e ter que por dentro da casa. Os meninos se preocupou sobre isso, eu falei, então deixa o banheiro para lá, nós nem mexe

na parte de lá. Nós vai fazer a casa, ela vai ser pequena, mas não tem problema não, o importante é fazer, porque eu penso do lado deles, por causa dos bichos.

A dificuldade lá é isso, esses bichos. Eu não posso nem descer na madrugada por causa disso, porque se eu descer na madrugada num pó eu já me assusto. Ou eu desço na minha cama né, para poder falar com Deus, porque Deus na minha vida é em primeiro lugar de tudo, na vida, primeiro lugar de tudo. Então a dificuldade lá é praticamente essa. Mas assim, a casa mesmo eu não dou importância se vai ser pequena. Aqui mesmo eu só estou, assim, eu sinto assim que é um escape para mim. Dali eu só saio quando Deus me tirar mesmo. Eu creio que Deus tem algo maior para mim ainda. Porque ali é praticamente um escape na vida da gente. Aí é isso lá, eu estou muito feliz, muito ansiosa mesmo.

G. - O que a casa do TETO vai impactar na sua vida?

I. - Aí vai mudar muita coisa, porque vai parar de entrar rato, vai evitar de entrar barata. Fora né, o vento que vem, porque a gente que mora na casa que você viu, igual eu assim, a telha é solta, passa vento nas madeiras lá, porque por trás da madeira que você viu tem aquela madeira fina. Só aquela lá da frente, que você viu, aquela verde, ela é grossa. Então passa vento, quando chove, pinga, né, dentro de casa, molha a casa. Às vezes nem espaço na cama tinha para gente dormir, por causa da chuva, e eu me preocupando. Então é bom porque vai mudar muita coisa, só a porta mesmo ali, está caindo também.

A minha casa é engraçada porque quando não é uma coisa é outra. Então eu fico muito mesmo alegre né, porque querendo ou não vai ser um final de ano que eu vou passar com uma casa nova né. Eu prefiro ter casinha do que um casarão enorme, do que ter casarão enorme né.

E para você ver que meu filho, esse é um fofo na minha vida, esse foi Deus que me deu mesmo. Ela Deus meu deu também, mas se você ver a inteligência desse menino. Ele mesmo, ele é tudo, primeiro Deus, depois ele. Então, ele é um menino muito esperto, muito sabido, eu estou vendo que ele vai aprender a ler rápido, porque ele pega a bíblia, pega qualquer coisa e fica “ahn”. É engraçado o jeito que ele fica, e eu falo “oxé, e você vai entender o que aí?”, ele pega mesmo como se fosse ele estar lendo, eu falo “nossa, tu vai aprender a ler rápido”. Então ele é muito esperto, ele é sabido, sabido demais né. O pai dele não sabe nem que perdeu, não sabe mesmo, coitado dele saber, que ele sabe que o

menino é filho, e para ele ter se mandado, a consciência dele vai pesar. Deus sabe, então ele mesmo vai ser o homem da casa, além de ter os outros lá fora, ele vai ser o homem da casa.

Então é importante assim para mim eles né, são minha felicidade, ele veio para ficar no lugar do outro, é a felicidade minha né. Então é muito importante eu fazer isso por eles, para ele ficar no chão. Então né, é importante demais para mim, é assim, eu só não estou lembrando mais porque é muita história que eu tenho fia, é muito história, e até aqui, nós sofrer nós sofre né, mas é porque Deus permite porque a benção vem.

IRACEMA: PÓS CONSTRUÇÃO

G. - Eu queria saber como anda sua vida?

I. - Então né, eu estou muito feliz com a casinha, estou dormindo em paz graças a Deus, meu filhos também estão bem, é bem melhor do que a outra casinha. Agora os bichos não entra mais, mas as vezes eu vejo eles tipo querendo “ran ran”, mas não consegue mais. Eu gostei muito, eu gostei bastante, porque para mim ficou uma casinha de boneca.

Então eu fiz o que eu pude fazer pelos meus filhos, porque a casinha, eu assim, eu pensei em fazer assim né, mesmo se sair pequena ou não, tem gente que vem aqui e fala “ai você é louca, tinha que mandar esticar, não sei o que”, eu falei “não, assim pra mim está bem melhor, depois eu arrumo o espaço que sobrou tudo bonitinho”. Aí né, minhas crias dormem bem também, ainda mais esse daqui que não dormia, agora está dormindo em paz. Nós está ótimo, eu gostei muito, que Deus abençoe a cada um.

G. - Quais foram as mudanças que ocorreram na sua vida?

I. - A única coisa que eu vejo é que eu estou acordando 5 horas, não sei por quê. Eu acordo 5 horas, mas dormindo bem eu estou dormindo bastante bem, porque antes eu não dormia, aí eu durmo bastante mesmo, durmo em paz, graças a Deus. Agora sim eu posso descer nas madrugadas, falar com Deus também, porque é coisa que eu não fazia. Graças a Deus, pelo menos eu estou dormindo em paz, não durmo preocupada, eu não fico acordada vigiando, como eu fazia antes, por causa desses bichos. Mas agora, graças a Deus mesmo.

G. - E seus sonhos, mudou alguma coisa?

I. - Meu sonho mesmo para mim fica o mesmo. Meu sonho mesmo em primeiro lugar de sempre, primeiro lugar de tudo. Segundamente, sobre meus filhos. Se for para ter mais planos, para os meus filhos vir morar comigo, claro que tem que ser uma casa um pouco maior. Por enquanto mesmo vai ficar assim, vou estar só eu e minha filha, está ótimo assim, mas meu sonho é ter meus meninos mesmo do meu lado. Futuramente, quem sabe um dia viajar um pouco, sair do mundo daqui de São Paulo. Eu quero um dia mesmo viajar.

G. - E as dificuldades?

I. - Ah eu creio em Deus que vai melhorar, é tudo o tempo certo de Deus. É no tempo certo dele. Eu pensar assim, tenho mania de pensar assim “se Deus achar que eu mereço amém, se não amém do mesmo jeito”. Deus sabe se eu mereço ou não. As dificuldades eu passo assim como todo mundo passa, cada um passa com o próprio olho, é claro, mas enquanto eu estou buscando Deus, Deus sempre manda um escape ou uma ajuda. Para mim está ótimo, tem gente pior aí fora. Tem gente que não tem nem casa, não tem nada, essas são pior que eu. E olha minha fia, só sei que eu só estou aqui porque foi Deus que colocou, se não, não estaria, eu não tem nada contra a comunidade porque eu sempre morei em comunidade desde criança.

Eu, minha mãe e meus irmãos foi tudo criado em comunidade mesmo, então não tenho o que falar. Eu sou fico mesmo, porque querendo ou não a maioria não são unida. Quando você precisa de alguém, a pessoa quer brigar, quer ser melhor do que os outros como se fosse... quer mandar na sua casa, como se fosse dona de casa, para mim assim tem gentes que não tem união com o outro. Aí tipo, fala “a Deus vai cobrar de você”, como se fosse sabe, porque eu sou evangélica e quer se aproveitar das coisas, e hoje em dia não é bem assim. Então eu já pedi até para Deus afastar muita gente mesmo de mim, eu quero ficar sozinha, eu e Deus dentro da minha casa e meus dois filhos. Falo pra Deus que eu não quero ninguém mais porque, teve uma semana ai, semana não, no dia que estava todo mundo aqui, que eu entristeci a Deus sem saber. Eu provoquei a ira de Deus sem eu saber.

G. - Não entendi, o que você fez?

I. - É porque assim, nesse dia tinha o culto era para eu ficar no final para agradecer ele, e não ir lá, onde eu fui. Ficar junto com eles e agradecer eles, eles tinha que ser em segundo lugar. Eu coloquei eles em primeiro lugar, em vez de eu por Deus. Foi uma revelação de Deus isso para mim. Aí Deus revelou que eu provoquei a ira dele, eu fiquei triste. Eu olhava assim para a casinha e começava a chorar. Como se fosse eu querendo falar pra Deus “ah Deus, se fosse assim então o senhor pode fazer o que quiser, se quiser botar fogo bota, se o senhor quiser tirar de mim tira.” Eu pensei isso dentro de mim, porque essa casinha quem preparou foi Deus. Foi Deus que colocou vocês para fazer, então eu deveria agradecer primeiramente a ele.

Então assim, eu fui até a igreja, mas eu não fiquei até o final, e eu era a única obreira de lá. Aí eu fiquei muito triste, eu olhava assim e começava a chorar. A tristeza vinha dentro de mim. Porque se não fosse Deus eu não estaria nessa casa. É como fala “ele me deu essa benção, e quando Deus dá benção para gente, a gente tem que estar até o final pra agradecer ele. Em primeiro lugar tem que agradecer ele mesmo, e eu fiz diferente, aí eu pensei “Deus, eu não sabia”, mas só que eu já falei com Deus, pedi perdão. Porque Deus viu que eu provoquei a ira dele sem saber, imagine se fosse a casa maior, ou uma casa com dois andar. Isso foi apenas uma lição para “mim” aprender, porque da próxima vez que me der uma outra benção, que a pessoa me chamar pra poder colaborar ali, agradecer, eu já não vou fazer mais isso.

Porque a gente evangélico a gente é assim, tem muita gente que não entende a gente que somos evangélicos. Aí eu fiquei mesmo, fiquei bastante triste né, mas eu não vou falar que eu fiquei assim triste, triste, para fazer né, fiquei feliz sim pela casinha, mas é como fala, é melhor eu ver Deus feliz do que eu provocar a ira de Deus. Eu já me preocupo eu entristecendo as pessoas, eu nem gosto de fazer, machucar alguém, entristecer a pessoa, imagine Deus, que é mais importante. Deus para mim é tudo, ele é como minha família.

G. - E qual seu sentimento agora?

I. - Isso vai ser uma marca para mim a real, porque assim, a gente sabe que no mundo mesmo é para aprender, apenas uma missão e uma lição. Então é uma coisa que eu não vou esquecer mais, a gente está aqui mesmo é para aprender as coisas da vida. É porque

Deus corrige aquele que ele ama, e se a gente não aceitar a correção de Deus, então a gente não somos filhos dele, esqueci o nome que a pastora fala.

Mas eu fiquei um pouco em paz assim né, fiquei tranquila, porque assim, eu penso assim, tudo que Deus faz, se for pra nós pensar e analisar, tudo que Deus faz por nós, geralmente, não assim que eu não pense negativo, mas com certeza muitos pensam assim, a gente não merece o que ele faz, mas como ele é amor, além dele ser justiça ele é amor, então Deus ama a gente do mesmo jeito.

Eu olhava assim e eu falava “a Deus eu não mereço nada do que o senhor me dá”, porque depois disso que aconteceu, foi algo mesmo que eu sei que machucou muito ele e machucou eu depois que eu soube né. Porque assim, às vezes tem pessoa que não entende as coisas evangélico, fala tipo “Deus não está vivo”, “Deus não existe”, e Deus existe sim, porque se ele morreu e ele ressuscitou, ele existe, ele está vivo. Então ele... é como eu sempre falei, Deus ele é em primeiro lugar de tudo, tudo tudo tudo na minha vida, eu não ponho nada em primeiro lugar sem ser ele. E pelo fato de ter acontecido isso mesmo, foi apenas mesmo uma lição e uma marca que vai ficar sempre em mim. Porque eu sei que tem algo ainda pra Deus me entregar, umas bênção, mas só que quando eu conversei com a irmã eu falei para ela “eu não mereço, eu não mereço nada de Deus”. Porque querendo ou não a gente é ingrato. A gente é ingrato, a gente não agradece.

A gente não vai assim, tipo isso que Deus me deu, era para eu ter ficado no culto lá, dar o testemunho, porque foi Deus que me deu mesmo. Porque assim, além disso tudo, pra “mim” conseguir primeiro aqui precisou ter a campanha, três dias, a pastora fez a campanha na casinha que eu estava. E depois teve na casinha quando o povo do TETO veio e falou que eu consegui. Então foi Deus mesmo, se não fosse ele acho que eu estaria na mesma casinha.

G. - Por que você não ficou até o final do culto?

I. - Porque o povo me chamou, e eu falei e fui lá na pastora rapidinho e falei com ela, aí perguntei que horas terminava o culto e ela falou que terminava umas 9 horas e aí eu saí de lá nove para as nove. Só que era para “mim” ter ficado até o final. Só que eu fui para poder agradecer eles tudo, a cabeça não deixou eu pensar, aí eu fui sem saber. Eu fui para agradecer, mas eu não sabia que eu estava fazendo coisa errada. Porque tem coisas que

a gente não sabe, tem coisas que a gente tem que aprender muito, e por eu ser obreira não era para eu ter feito isso, eu sou obreira da igreja.

G. - O que é ser obreira?

I. - Obreira da igreja que você fica lá na porta intercedendo, pedindo a Deus livramento, que às vezes pode vir uma pessoa do lado de fora, ou tipo... coisa mesmo, às vezes pessoa perturbada pra poder entrar lá dentro, então a gente fica na porta pra interceder, pedindo livramento pra todos nós lá, nós fica na vigilância, fica na vigilância lá. Então, obreira é isso, obreira não é para qualquer pessoa. Então eu peguei e fiquei mesmo triste, porque além de Deus ter falado comigo dentro da igreja, que foi falado lá que eu não vou citar, aí eu falei “ah Deus, então eu não quero mais”, porque foi coisa que machucou. Eu aceito a correção de Deus sim, mas não sei, eu não vou falar outras coisas...

SEM GRAVAÇÃO: I. pediu para eu não gravar, pois se sentia mais confortável, contou sobre, em minhas palavras, como a pastora da igreja disse para ela que ela não deveria ser mais obreira. Por ser muito religiosa, a fala foi de grande intensidade para ela. A pastora ainda sonhou que ela estava cercada por vômito.

G. - Como foi a experiência de construir sua casa junto com eles?

I. - Foi bem legal, foi bem divertido. Todos eles fizeram com carinho, com amor. Eles se esforçaram bem, todos foi igual, não vou falar “ah, um foi diferente”, não, pra mim a equipe todos foram igual. Eles estão todos de parabéns, só o fato deles terem carinho com a gente. E estar ali trabalhando e pega meu bebê, a marina, brinca, o abraço que eles dão na gente. Só de eu ver esses carinho assim de todos, é uma família para mim. O que eu não tenho em uma família eu vi neles, então para mim eu considero como família, todos eles.

Então, eu mesmo gostei do trabalho deles tudo, achei interessante. Aí eu peguei um pouco na marreta né, para marretar um pouco do negócio, e vi que a marreta não é fácil, porque se você não sabe pegar assim, se você não sabe ter posição para jogar pra cima assim, quebra o braço. Então eu sei que não é fácil, assim para as meninas, porque é pesado, mas todos trabalhou igual. Como eu falei, são jovens, são esforçados todos eles, eles mesmo estão de parabéns. Eu fiquei aqui só na vigilância, estava ali olhando. É bom porque a gente também aprende as coisas, só de olhar é bom porque a gente também aprende.

G. - Você pensa em mudar daqui?

I. - Olha, eu falei assim que daqui eu só saio quando Deus me tirar mesmo, só saio por missão de Deus. Aqui eu não tenho previsão para “eu” mesma pegar e sair, agora se Deus me tirar já é outra coisa. Porque aqui mesmo é uma porta de escape, isso eu já sinto desde quando eu vim para cá. Não é para mim permanente ficar aqui não. Então eu não sei se vai ser daqui a um ano, dois anos, eu já não sei.

G. - Tem mais alguma coisa que você quer contar?

I. - É né, eu acho mesmo que é só isso. Esse negócio mesmo de voltar a história lá atrás é meio complicado. Eu já te contei minha história né. Mas meio complicado está o banheiro mesmo pra nós tomar banho, não tem com tomar por causa dessa lama aqui. Antes tinha piso no banheiro, aí dava pra tomar banho, dava pra lavar roupa, aí agora já não dá, por causa da lama. Aí eu fico sem tomar banho, por enquanto, porque a banheira dele o bicho roeu. Na banheira dele dava para tomar, mas o bicho roeu.

G. - Eles estão gostando da casa?

I. - Eles estão. Fala assim “agora dá pra eu andar”.

Depois dessa casinha eu creio que vai vir mais coisas que Deus mesmo, eu sei que Deus lá em cima já está preparado, as bênçãos que Deus tem para entregar na mão da gente. A gente só tem que estar preparado, e não ser mais ingrato com Deus, porque isso daí tem que pensar em primeiro lugar, eu acho agora né. Então daqui para frente já vai vir alguma coisa nas minhas mão, que eu estou só esperando mesmo para poder mexer aqui. Essa vai ser a segunda benção, e daí em diante creio que vai vir mais. E de vocês, creio que Deus está vendo tudo, isso que vocês estão fazendo hoje vão colher amanhã, o que vocês tão fazendo vocês estão colhendo um bom fruto, e lá na frente Deus vai dar a benção pra vocês, porque Deus sabe de tudo. Porque isso que vocês faz não é qualquer pessoa que quer fazer praticamente. Se não existisse TETO, o povo estava tudo aí, no meio dos bichos. Tem bastante coisa assim, que entra nas casa, é frio, é chuva.

ANEXO II - TCLE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do(a) professor(a) Sergio Wajman, cujo objetivo é analisar os impactos da construção de moradias emergenciais no sujeito que habita a favela. Sua participação envolve uma entrevista semiestruturada, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 1 (uma) hora. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Os riscos envolvidos na participação da pesquisa podem ser considerados inexistentes e, mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora no telefone: (11) 97484-3040 e e-mail: devietro.giovanna@gmail.com ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP, telefone (11) 3670-8466 e e-mail cometica@pucsp.br.

Atenciosamente

Nome e assinatura do(a) estudante

Local e data

Matrícula:

Nome e assinatura do(a) professor(a) supervisor(a)/orientador(a)

CRP:

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data